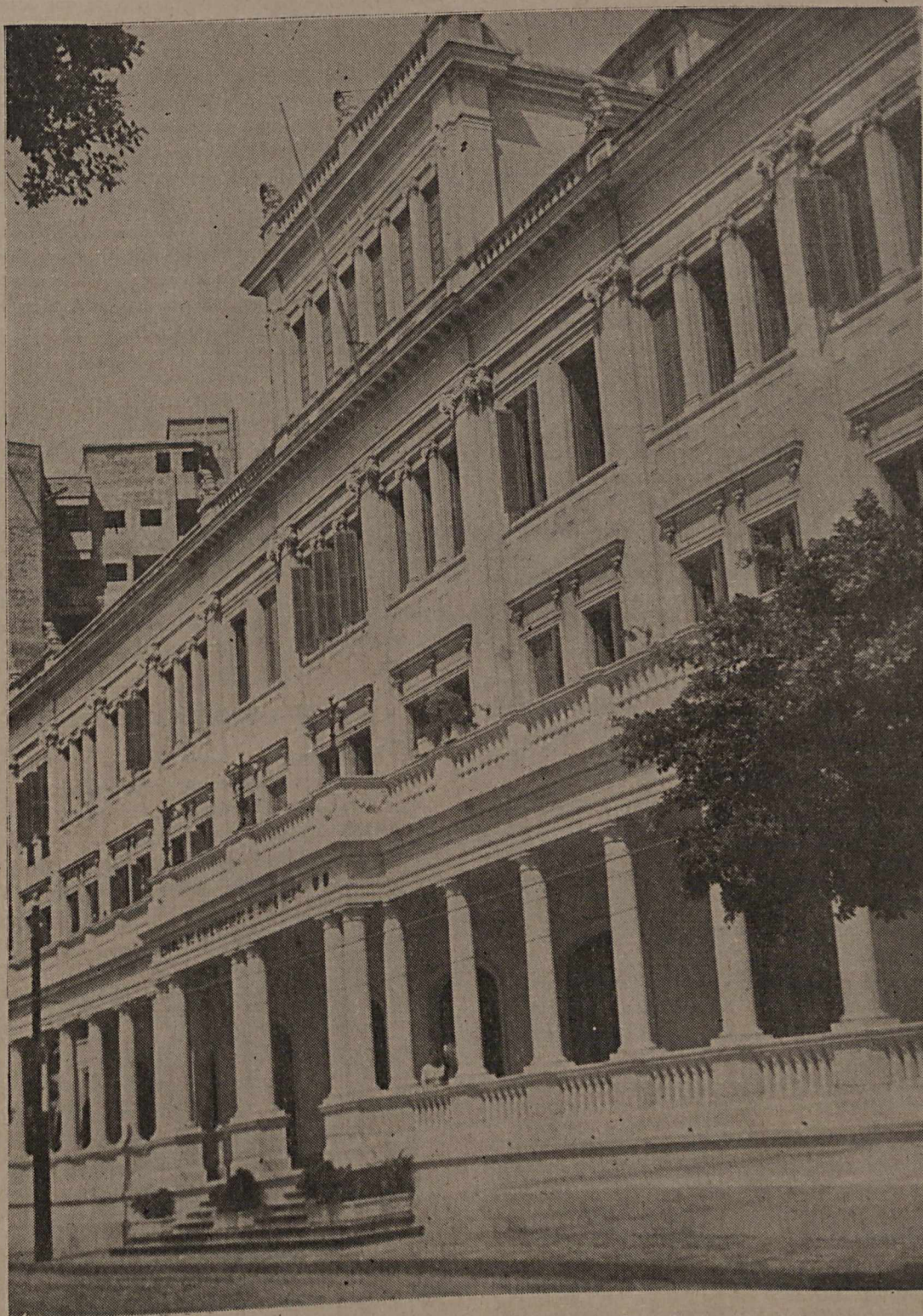


A ESCOLA ANNA NERY

Reportagem de ADALBERTO MARIO RIBEIRO



Escola Anna Nery — Sede do Internato, à avenida Ruy Barbosa n. 762

Que bonita história a de Florence Nightingale!

Sua vida foi todo um romance de ternura, abnegação e sacrifício.

Lytton Strackey dela nos fala em *Eminent Victorians*, em exposição simples, clara e precisa, que nos permite, com tão belo exemplo, apreciar como é realmente delicada e valiosa a contribuição da mulher em encargo que só ela pode exercer, de forma justa e adequada: o de enfermeira.

O escritor inglês, valendo-se da técnica de que foi precursor, nos mostra o que fez Florence para tornar ainda mais proveitosa e eficiente a assistência a doentes: deu à nobre tarefa orientação adequada e inteligente, com absoluta disciplina e com a introdução de novos recursos, de novos processos, que, como se sabe, passaram depois a constituir a base atual dos serviços de enfermagem.

Os resultados dessa reforma fizeram-se logo sentir nos hospitais ingleses e, depois, fora da Inglaterra, como se observou na guerra da Criméia, em Scutari, na Índia e em toda parte a que acorria Florence, com sua equipe de enfermeiras adestradas, afim de tratar de milhares de feridos e mutilados, nos campos de batalha, e de vítimas de devastadoras epidemias de cólera e de tifo.

Que bonita história a de Florence Nightingale!

Como ficaríamos contente se todas as moças do Brasil a conhecessem! Se a tivessem bem viva na lembrança, como teem aquelas outras histórias ouvidas na infância, de príncipes encantados e tímidas princesas sonhadoras, fechadas em castelos misteriosos, cercados de densas e sombrias florestas ou perdidos em areiais sem fim, lá para as bandas do Oriente, dessa Bagdá encantadora de que nos fala Malba Tahan nos seus lindos contos, impregnados de estranha e suave poesia...

Ainda agora pudemos novamente apreciar a vida grandiosa de Nightingale, lendo o livro de Minnie Goodnow, *Outlines of Nursing History*. Sentimos a mesma satisfação, o mesmo conforto moral que experimentamos pela primeira vez, ao conhecer a história da grande enfermeira inglesa.

Não é uma biografia romanceada, mas o registro, acompanhado de documentos e fotografias, de todas as fases da vida de Florence, desde a infância, quando contava apenas cinco anos, à velhice, e que velhice! — até à sua morte, em 1910, aos 90 anos.

Dir-se-ia que a natureza requintou em alongar-lhe a vida porque a sabia de fato preciosa...

E Goodnow nos mostra em fotografia a nossa Nightingale aos 86 anos. Interessante: observamos-lhe semelhança, nos traços, com essa outra grande inglesa: a rainha Victoria.

Sabe-se porque Florence era chamada a "Dama da Lâmpada".

À noite, no Hospital de Scutari, ela saía a percorrer as enfermarias, parando de leito em leito, no afan de inteirar-se do estado de cada soldado ferido. Como não havia iluminação geral, levava ela uma vela acesa, que lhe realçava a figura, no meio das trevas, em que o silêncio só era quebrado pelos gemidos dos que mais sofriam, torturados pela dor.

Que bonita história a de Florence Nightingale!

Hoje toda a humanidade lhe sente a influência através dos ensinamentos que deixou e que vão sendo difundidos no mundo inteiro por meio de escolas de enfermeiras. E, assim, com o banimento completo do empirismo no trabalho da enfermagem e com a prática de constantes lições de salutar moralidade exigida aos seus profissionais, vai sendo afastada aquela malsinada prevenção contra uma nobre carreira, prevenção essa de que a própria Florence Nightingale foi vítima, conforme se acha registrado em todas as suas biografias.

Infelizmente ainda se observa essa reserva em pessoas que, falhas de sensibilidade e pobres de sentimentos, não podem na verdade perceber o valor, a significação social e humana do trabalho da enfermeira.

No Rio de Janeiro, entretanto, o ambiente não é muito propício a semelhantes preconceitos...

Os leitores da *Revista do Serviço Público* vão verificar a razão dessa nossa assertiva depois que lhes dissermos do entusiasmo, da íntima satisfação — verdadeiro sacerdócio mesmo — com que estudam as futuras enfermeiras brasileiras e trabalham as já diplomadas, nos serviços que lhes estão afetos na

ESCOLA ANNA NERY

Quando tratamos nesta mesma *Revista*, do "Instituto Benjamin Constant e os nossos cegos", tivemos ensejo de ressaltar a valiosa contribuição de senhoras de nossa sociedade a várias organizações de assistência social desta cidade e de todo o Brasil, mencionando então, entre outros, os nomes das Sras. Lais Netto dos Reys e Ruth Barcellos.

Vamos agora mostrar como fomos encontrá-las trabalhando no seu setor. Antes, porém, de fazê-lo hão de nos permitir ligeiro parêntesis para tratarmos de um outra

REPORTAGEM QUE FALHOU

Iamos prosseguir neste número da *Revista do Serviço Público* nossa reportagem sobre os serviços a cargo do Departamento Nacional de Estradas de Ferro, descrevendo a construção do novo trecho da Leste Brasileiro até Contendas, início da ligação interior do sul com o norte do país, obra grandiosa e benemérita do Governo do Senhor Getúlio Vargas. Fomos convidados para a inauguração.

Pretendíamos registrá-la devidamente em ampla reportagem, ilustrada de fotografias, como a anterior. Entretanto, não pudemos ir a Contendas, como esperávamos, porque surgiram dificuldades naturalmente sérias, que até agora ignoramos, mas suficientes talvez para justificar a falta de cumprimento de um convite, que nos surpreendeu pela gentileza e espontaneidade com que foi feito.

Daí, pois, trocamos o tema da reportagem, oferecendo esta outra aos leitores da *Revista do Serviço Público*, e que julgamos oportuna, sobretudo para pessoas que se interessam por assuntos de assistência social.

INÍCIO DESTA REPORTAGEM

Lista telefônica. Vamos folheando-a até à letra M, à procura do Ministério da Educação, a que sabemos estar



Escola Anna Nery — A sede central ou, melhor, o “pavilhão”, como é chamada pelas alunas. Acha-se situada à rua Afonso Cavalcanti, fundos do Hospital São Francisco de Assis

subordinada a Escola Anna Nery, que nesse indicador assim figura:

*Escola de Enfermeiras Anna Nery.
Administração 275 B. Hipólito 42.9317.*

Mais tarde verificamos que é apenas *Escola Anna Nery* e que se acha instalada à rua Afonso Cavalcanti e não como está na lista telefônica.

Telefonamos para lá e, no dia seguinte, às 2 horas da tarde, comparecíamos ao pavilhão em que tem sede a escola.

Logo à entrada um contínuo, sentado diante de pequena mesa, prestou-se a indicar-nos a secretaria como a secção que talvez nos pudesse atender.

Entramos numa sala de teto baixo e sombria. Funcionários, sobretudo moças, a trabalhar de verdade. Não tivemos a clássica hesitação do visitante indeciso. Fomos direto a uma senhora, que logo nos pareceu estar chefiando a turma.

— Corre depressa! Talvez apanhe ainda o ônibus.

— Essas fichas já estão prontas?

— E as meninas da praça da Bandeira já vieram?

Santo Deus! Em cinco minutos aquela senhora deu um mundo de ordens. E, logo que apanhamos uma brecha, entramos com o melhor dos sorrisos para dizer-lhe que

eramos o redator da *Revista do Serviço Público*, que telefonara na véspera.

— Ah! pois não! Vou levá-lo ao gabinete de Dona Lais, que deve estar chegando.

Enquanto esperávamos um pouco naquele recanto do “pavilhão”, pusemo-nos a observar o recinto. A mesa de D. Lais com umas flores vermelhas, a dar ao ambiente esse tom característico do espírito delicado das mulheres. Livros dispostos em estante baixinha ao alcance da mão, como fazem os americanos nas suas bibliotecas. De frente, outra mesa e à parede um retrato de uma senhora estrangeira, provavelmente inglesa ou americana. Tudo sóbrio; tudo distinto.

Pouco depois, a senhora que com tanta distinção nos atendera, advertiu-nos da chegada de D. Lais, a quem fomos por ela apresentado.

— Vocês se lembram daquele modo suave e carinhoso de falar da grande Apolônia Pinto quando nos deliciava em “Flores de Sombra”, no antigo Trianon? Pois olhem, a Sra. Lais Netto dos Reis desperta-nos a mesma simpatia, o mesmo respeito afetuoso, cheio de doçura e bondade. Seu sorriso é uma indulgente reticência, com que sublinha as frases, ao aconselhar, em vez de recriminar alguém. Observamos-lhe esse tic quando falava a uma servente,

que procurava justificar-se de má criação feita a uma funcionária da casa.

— Pois é. Ela disse que eu não queria dar laranja pra ela, mas ela sabia que não tinha mais laranja nenhuma. E eu peguei chamei ela de mentirosa e ela pegou achou ruim.

— Mas você a chamou de mentirosa? Oh! Isso é um grande insulto!

E a reticência do sorriso indulgente aflorou à fisionomia bondosa de D. Lais.

Despachada a pequena da laranja, D. Lais passou a nos dar atenção, inteirando-se primeiro do que pretendíamos para depois nos dizer mais ou menos o seguinte:

— Deve-se a criação da Escola Anna Nery ao saudoso professor Carlos Chagas, quando diretor de Saúde Pública. Aquele retrato que ali está é de Miss Louise Kienninger. Fui sua aluna e sinto quanto ela nos quer bem, a nós e a esta escola que organizou. Ainda agora Miss Kienninger está aqui no Rio, no desempenho de nova e alta missão. Sentimo-nos orgulhosos, eu e todos desta casa, em a termos como nossa hóspede. Terei prazer em apresentá-la ao senhor, lá no Internato, em Botafogo, onde Miss Kienninger se acha.

Depois falamos à Sra. Lais sobre Florence Nightingale.

— D. Ruth, aquele livro sobre Florence está aí?

Aproveitamos o ensejo para demonstrar a D. Lais a satisfação que nos causara a diretora da secretaria, que

distribuía providências para tudo e para toda parte e, sempre, com excelente bom humor, sem se ralar, como diria Fidelino Figueiredo.

— Esta senhora é D. Ruth Barcellos, diretora da Secretaria. Realmente, sua capacidade de trabalho é admirável.

E, assim, ficamos conhecendo pessoalmente D. Ruth Barcellos, a quem já havíamos feito justa referência na nossa reportagem sobre os cegos e sabíamos ser uma intelectual e brilhante conferencista.

De posse do livro sobre Nightingale, D. Lais procurou o capítulo referente à grande enfermeira inglesa, passando-nos em seguida, com a mão espalmada sobre a página.

— Aqui está a história de Florence.

Ficamos lendo *Outlines of Nursing History*, enquanto D. Lais saía um instante a providenciar sobre coisas da casa.

Depois passamos a conversar com D. Ruth Barcellos, que tomou nota do que desejávamos sobre os programas da escola e outras informações interessantes para esta reportagem.

No dia seguinte voltamos à sua presença e encontramos o material já dactilografado. A parte referente ao processamento de matrícula e organização do currículo es-



A sede primitiva do Internato da Escola Anna Nery, à rua Visconde de Itauna, ao lado do Hospital S. Francisco de Assis

colar, nós a deixamos para o fim deste trabalho. Preferimos dar de início nossas impressões.

ESCOLA ANNA NERY

Criada pelo decreto n. 16.300, de 21 de dezembro de 1923, deve-se a fundação da Escola Anna Nery, como nos disse D. Laís Netto dos Reis, ao professor Carlos Chagas que, de volta de uma viagem aos Estados Unidos, sentiu a necessidade de organização no Brasil de um serviço de visitadoras sanitárias capazes de levar avante um programa de higiene preventiva e de profilaxia à altura do desenvolvimento que vinha tendo o Rio de Janeiro.



Miss Clara Louise Kienninger ao lado de D. Laís Netto dos Reis

Mas desde 19 de fevereiro de 1923 já se tinham aberto oficialmente as portas da escola para sua inauguração, sendo sua organizadora Miss Clara Louise Kienninger.

O pavilhão de aulas e o primeiro internato foram instalados à rua Visconde de Itauna n. 399, ao lado do Hospital S. Francisco de Assís, campo de experiência prática da nova escola.

Fazendo-se necessário um alojamento melhor para o Internato, receberam as alunas a esplêndida vivenda da rua Valparaíso n. 40-A, na Tijuca, e ali permaneceram até abril de 1926, sendo então transferidas para a instalação da avenida Ruy Barbosa n. 762, na enseada de Botafogo.

Ainda em 1926, por decreto do presidente Arthur Bernardes, foi dado o nome de Anna Nery à escola, em

homenagem à grande brasileira voluntária da guerra do Paraguai.

Em 28 de setembro de 1927 inaugurava-se o pavilhão de aulas, dotado de aparelhamento moderno, doado pela Fundação Rockefeller, quando ainda a escola estava na dependência do Ministério da Justiça, sendo ministro o Dr. Vianna do Castello, e diretor do Departamento Nacional de Saúde Pública o Dr. Clementino Fraga.

Em 1926 foi assinado pelo ministro da Justiça, doutor Affonso Penna Junior, o regimento interno da escola.

Várias disposições legais mudaram a subordinação do estabelecimento. De 1923 a 1934 esteve ele dependente da Superintendência do Serviço de Enfermagem e subordinado ao Departamento Nacional de Saúde Pública. Em 1934, com a criação do Ministério da Educação e Saúde, a escola passou à jurisdição deste ministério.

Mais tarde, em 1934, por ato do ministro da Educação, deixava a escola de atuar em colaboração com a Superintendência do Serviço de Enfermagem para ficar subordinada à Diretoria da Defesa Sanitária da Capital da República.

Nova reforma ministerial, estabelecida pela lei 378, de janeiro de 1937, transformava a Diretoria de Defesa Sanitária em Divisão de Saúde Pública do Distrito Federal, a cuja autoridade passou a escola a ficar subordinada.

Em 15 de junho de 1931, pelo decreto n. 20.109, a Escola Anna Nery foi considerada escola padrão para as suas congêneres no Brasil.

Finalmente, em virtude da lei 452, de 5 de julho de 1937, foi a escola incluída na Universidade do Brasil, como instituto de ensino complementar, com a responsabilidade também do ensino de assistência social.

QUEM FOI ANNA NERY

Anna Justina Ferreira Nery, que pertencia a uma família de patriotas, nasceu a 13 de dezembro de 1814, na antiga vila da Cachoeira do Paraguassú, na Baía.

Quando irrompeu a guerra do Paraguai, Anna Nery morava na cidade do Salvador e vivia com os filhos, que foram os primeiros a seguir para o teatro da luta.

Desejando acompanhá-los e ao mesmo tempo prestar serviços à pátria, Anna Nery escreveu a seguinte carta ao Dr. Manuel Pinto de Souza Dantas, então presidente da Província da Baía:

"Ilmo. Exmo. Sr. — Tendo já marchado para o Exército dois de meus filhos, além de um irmão e outros parentes, e havendo-se oferecido o que me restava nesta cidade, aluno do 6.º ano de medicina, para também seguir a sorte de seus irmãos e parentes, na defesa do país, oferecendo seus serviços médicos, — como brasileira, não podendo ser indiferente aos sofrimentos dos meus compatriotas e, como mãe, não podendo resistir à separação dos objetos que me são caros, e por uma longa distância, desejava acompanhá-los por toda parte, mesmo no teatro da guerra, se isso me fosse permitido; mas, opondo-se a este meu desejo a minha posição e o meu sexo, não impedem, todavia, estes dois motivos que eu ofereça os meus serviços em qualquer dos hospitais do Rio Grande

do Sul, onde se façam precisos, com o que satisfarei ao mesmo tempo os impulsos de mãe e os deveres de humanidade para com aqueles que ora sacrificam suas vidas pela honra e brio nacionais e integridade do Império. Digne-se V. Ex. de acolher benigno este meu espontâneo oferecimento, ditado tão somente pela voz do coração”.

Souza Dantas, aceitando o oferecimento de Anna Nery, enviou-lhe uma carta na qual lhe ressaltava o gesto patriótico, afirmando:

“Aceito, pois, tão espontâneo oferecimento, e vão ser expedidas ordens ao conselheiro comandante das Armas, com quem se entenderá v. m. para ser contratada como 1.^a enfermeira e brevemente seguir para o Rio de Janeiro”.

Da Baía partiu Anna Nery, a nossa primeira enfermeira voluntária, no dia 13 de agosto de 1865, dirigindo-se sem demora para os acampamentos brasileiros nas terras platinas.

Por cinco anos esteve ela ao lado de nossas tropas, trabalhando nos hospitais de sangue improvisados na retaguarda das tropas e das cidades ocupadas pelos exércitos aliados, de Corrientes até Assunção.

E Anna Nery passou então a ser chamada “Mãe dos Brasileiros”, pela sua grande bondade e espírito de sacrifício e abnegação.

Partindo do Paraguai em fins de março de 1870, logo que aqui chegou, senhoras baianas ofereceram-lhe custoso album guarnecido de madrepérola e prata, tendo na parte superior as iniciais A.J.F.N., e dentro a seguinte dedicatória:

“Tributo de admiração à caridosa baiana, por algumas patricias”.

A colônia baiana desta capital mandou fazer pelo pintor Victor Meirelles o seu retrato, em tamanho natural, oferecendo-o, depois, à Província da Baía, cujo governo o colocou no edifício do Paço Municipal, onde ainda hoje se encontra.

A municipalidade da cidade do Rio de Janeiro, em resolução de 15 de abril de 1857, perpetuou-lhe o nome denominando “Anna Nery” a rua Engenho Novo, do largo do Pedregulho até à estação do Riachuelo.

O Governo Imperial concedeu-lhe a pensão anual de um conto e duzentos mil réis, condecorando-a com as medalhas “Humanitária” de 2.^a Classe e de “Campanha”, com passador de ouro n. 5.

A 5 de junho de 1870 desembarcava na Baía, do vapor “Arinos”, a gloriosa enfermeira. Deixava sepultados nas terras ensanguentadas do Paraguai um filho e um sobrinho (Alferes Arthur Ferreira) e voltava à sua terra natal com quatro orfãos de soldados brasileiros que haviam tombado nos campos de batalha.

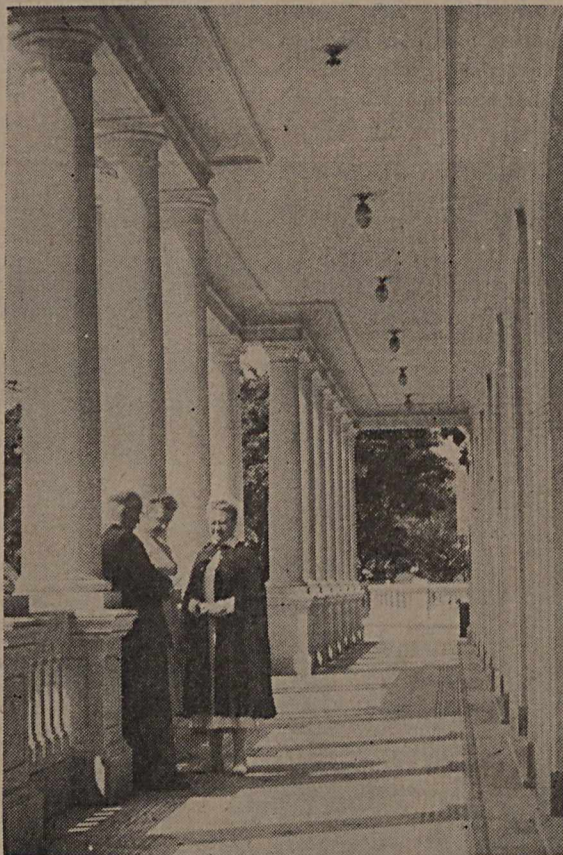
A 6 de junho as senhoras da alta sociedade de Salvador fizeram-lhe expressiva manifestação, entregando-lhe uma riquíssima coroa de louros, cravejada de brilhantes.

APRECIANDO A GRANDE INICIATIVA DO SAUDOSO PROFESSOR CARLOS CHAGAS

Extraímos dos “Anais de Enfermagem”, órgão oficial da Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas Bra-

sileiras, de seu número de julho de 1934, o seguinte artigo sob o título “Histórico do Serviço de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública”:

“Havia já bastante tempo que alguns médicos do Departamento Nacional de Saúde Pública, principalmente os da Inspetoria de Profilaxia da Tuberculose, sentiam que seu trabalho não alcançava o êxito desejado, por lhes



Na varanda do Internato da Escola Anna Nery. O redator da Revista do Serviço Público conversando com Miss Clara Louise Kienninger, fundadora da Escola Anna Nery, e com D. Laís Netto dos Reis, atual diretora

faltar um elo entre os dispensários e os lares dos doentes. Este elo almejado — indispensável em toda organização sanitária — era a enfermeira de saúde pública.

Não existindo ainda no nosso país profissionais preparadas para esse fim, nem escola capaz de formá-las, procurou a Inspetoria de Profilaxia da Tuberculose preencher essa lacuna, criando um corpo provisório de visitadoras, praticamente instruídas pelos médicos da mesma inspetoria, nas noções teóricas e na técnica da profilaxia da tuberculose. O preparo dessas visitadoras esteve a cargo do inspetor da Profilaxia de Tuberculose, Dr. Plácido Barbosa, e do seu assistente Dr. J. P. Fontenelle, auxiliados pelos médicos da inspetoria.

Animados de grande desejo de servir, começaram essas moças, em janeiro de 1921, a exercer vigilância em domicílio sobre os casos contagiantes de tuberculose. Mas, embora quisessem fazer muito, faltavam-lhes os conheci-

mentos básicos de enfermagem, sendo por esse motivo o seu trabalho pouco produtivo.

Esse serviço, iniciado de modo assim primitivo, não podia deixar de ser puramente de emergência, pois o Dr. Carlos Chagas, então diretor do Departamento Nacional de Saúde Pública, conhecedor profundo dos resultados de um serviço técnico de enfermagem moderna de saúde pública, grande patriota e idealista, sonhava introduzir aqui o que vira na Europa e acompanhava com interesse nos Estados Unidos, onde se encontrava naquela ocasião.

Afim de poder levar avante o seu desejo, pediu auxílio ao *International Health Board*, o qual, atendendo ao seu apelo, enviou Mrs. Ethel Parsons, técnica especializada no assunto, e que aqui chegou a 2 de setembro de 1921, com o intuito de estudar o problema de enfermagem no Brasil e apresentar uma solução adequada.

Em poucas semanas de estudo verificou a precariedade da situação; o povo tinha das enfermeiras uma concepção atrasada de um século; igualava à da Inglaterra antes da Florence Nightingale, isto é, mais ou menos em 1820,



Na Maternidade do Instituto Nacional de Puericultura.
Um prematuro recebendo cuidados na incubadora

época em que essa profissão era ainda de tipo servil. Poucas pessoas no Brasil conheciam e compreendiam o desenvolvimento e o progresso da enfermagem.

Foi assim que, de acordo com o Dr. Carlos Chagas e atendendo às necessidades prementes da ocasião, se elaborou um plano de ação, visando a solução dos dois grandes problemas que se apresentavam: a falta de uma escola

moderna e a deficiência de preparo das visitadoras que se achavam em trabalho ativo.

Organizou-se assim, em 1922, o Serviço de Enfermeiras no Departamento Nacional de Saúde Pública, de categoria igual às inspetorias existentes e destinado a cooperar com elas em todos os ramos de enfermagem e à medida do seu desenvolvimento. Mas a sua criação oficial só se efetuou a 31 de dezembro de 1923, pelo decreto n. 16.300, sendo a sua sede estabelecida numa grande sala do pavilhão anexo ao próprio departamento.

Escolas de Enfermeiras

Não existindo em todo o país, nem na América do Sul, uma escola capaz de preparar enfermeiras profissionais, o primeiro passo não podia deixar de ser o estabelecimento de uma escola padrão, nos moldes das mais modernas existentes nos Estados Unidos. Da eficiência do serviço das enfermeiras, preparadas por esta escola, dependeria o sucesso do magnífico empreendimento.

O Hospital S. Francisco de Assis, em via de adaptação, oferecia pela variedade dos seus serviços e fins instrutivos a que se destinava ótimo campo de ação para o preparo teórico e prático das novas profissionais, tendo sido, por esse motivo, instalada a escola anexa a esse hospital.

O plano grandioso do estabelecimento da enfermagem técnica no Brasil não poderia, porém, ter sido levado avante sem o auxílio da benemérita Fundação Rockefeller. Por um acordo entre o diretor do Departamento Nacional de Saúde Pública e essa instituição, foi-nos enviada uma missão de enfermeiras americanas contratadas, das quais umas se destinavam a auxiliar a organização da escola e outras chefiariam os serviços de enfermagem sanitária até poderem ser substituídas por brasileiras, especialmente preparadas para os diversos cargos.

Começou então um trabalho ativo de propaganda, afim de recrutar alunas para a escola a abrir, tendo sido cláusula estabelecida desde o início que se exigiriam, como requisitos indispensáveis à matrícula, uma sólida educação, a par de idoneidade moral.

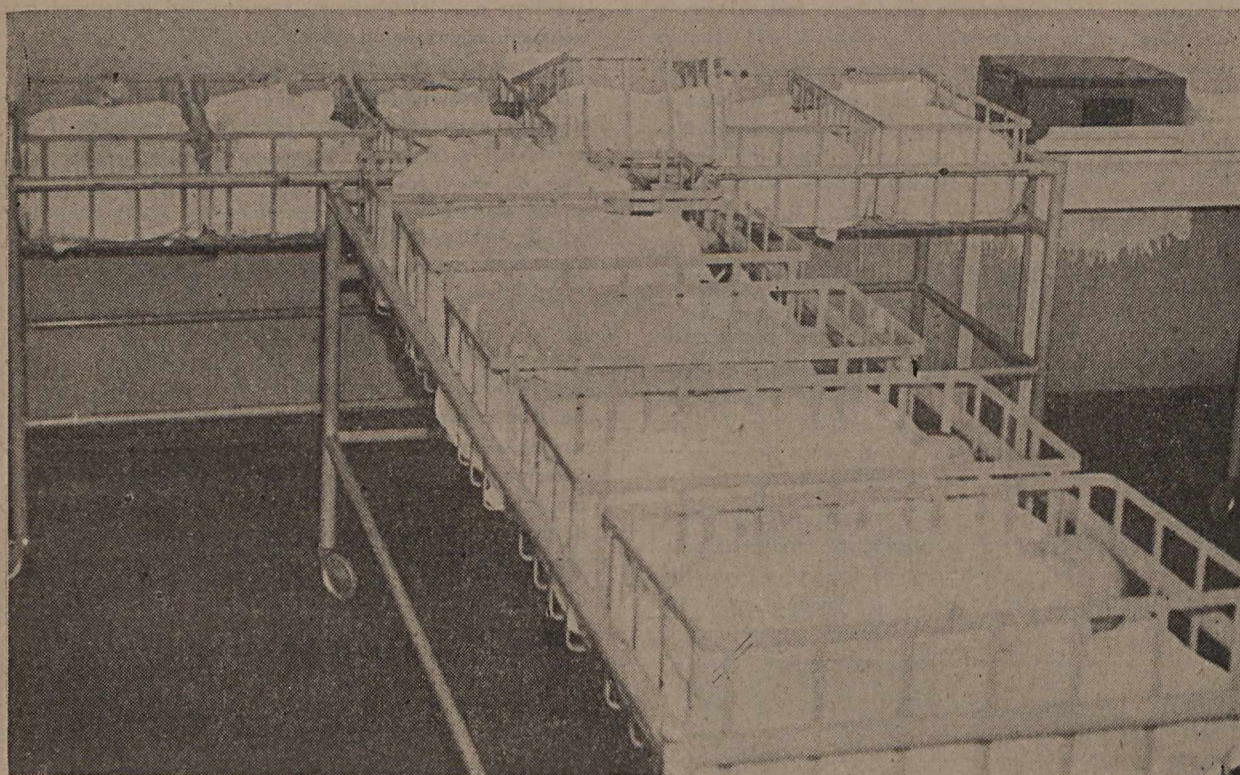
A luta contra os preconceitos foi grande: as moças brasileiras desconheciam a nobreza da nova profissão, que nada tem de servil, e proporciona, além da independência econômica, a satisfação de ser útil e a oportunidade de trabalhar pelo engrandecimento da nossa pátria!

Em fevereiro de 1922 chegaram ao Rio de Janeiro as primeiras enfermeiras americanas, das quais duas se destinavam a dirigir a escola e as outras aos serviços de Saúde Pública. Achava-se entre elas, Miss Louise Kieninger, que foi a primeira diretora da escola.

No fim do ano foi alugado um prédio inadequado, porém contíguo ao Hospital São Francisco de Assis e a título provisório, para a instalação da escola e residência das alunas.

Foi vencendo mil dificuldades que o Serviço de Enfermeiras chegou a esse ponto, pois, não tendo então verba própria, procurava firmar-se à custa de auxílio das inspetorias do Departamento Nacional de Saúde Pública.

Em 19 de fevereiro de 1923 foi aberta finalmente a Escola de Enfermeiras, muito modesta, com 13 alunas internas. O curso era de dois anos e quatro meses. As



Na Maternidade do Instituto Nacional de Puericultura — Aspecto do berçário de crianças nascidas a termo

alunas, além de casa, comida e roupa lavada, percebiam 90\$0 mensais, sendo aberta a matrícula duas vezes por ano. A disciplina interna da escola se obtinha, como ainda se obtem, por meio de uma associação de alunas, baseada num princípio de honra e à qual compete fiscalizar o Internato, estatuir sobre penalidades, estreitar relações, promover festas, etc. No exercício dos diversos cargos da associação, tem as alunas ocasião de demonstrar e desenvolver as suas habilidades executivas.

Ia assim a escola em franco progresso e, em pouco tempo, excedeu a capacidade da pequena casa alugada ao lado do hospital, tornando-se necessário procurar outra maior, sendo escolhida a da rua Valparaíso n. 40-A, com acomodações para mais 26 alunas.

Conquanto estivesse assim temporariamente resolvido o problema da habitação, continuava a escola tolhida no seu desenvolvimento por falta de salas de aulas e de material indispensável ao ensino.

As aulas eram dadas no porão do prédio, onde estava também a sala de demonstrações. As lições de bacteriologia faltava quase sempre a parte prática, por falta de laboratório, pois só era possível utilizar o de hospital, nas horas em que estivesse desocupado.

Lutando contra obstáculos, vencendo dificuldades, a missão das enfermeiras americanas não desanimava dos seus propósitos e, em 19 de junho de 1925, teve lugar a formatura da 1.^a classe de enfermeiras brasileiras, em número de 16.

Como é fácil de imaginar, a Escola de Enfermeiras não podia ser completa e perfeita no início, por falta

mesmo de pessoal habilitado, sendo essa também a razão de durar o seu curso somente dois anos e quatro meses.

Tornava-se necessário proporcionar às alunas experiência em doenças infecto-contagiosas, obstetrícia e pediatria, matérias básicas do curso.

Em abril, foi organizado o Distrito de Prática anexo à escola, no qual as alunas aprendem os princípios básicos da enfermagem de saúde pública, tendo oportunidade para apreciar a diferença que existe entre o trabalho feito no hospital, com material adequado, e o que é feito em domicílios particulares, onde a enfermeira tem de lançar mão do material impróprio que encontra, para improvisar o indispensável, tendo ainda de resolver sozinha as situações difíceis que se apresentam.

Em julho de 1925, apareceu no Rio de Janeiro um surto de varíola, tendo sido feito o isolamento no Hospital Paula Cândido. A pedido do inspetor da Defesa Sanitária Marítima, foram enviadas para ali uma enfermeira-chefe americana, quatro diplomadas brasileiras, algumas visitadoras e alunas da escola. A epidemia estendeu-se até fins do ano e o diretor do Hospital Paula Cândido verificou, pelo estudo das estatísticas de epidemias anteriores durante as quais a mortalidade fora de 50%, haver baixado a 15% a das enfermarias confiadas às novas enfermeiras.

Era desejo do diretor da Marítima que o Hospital Paula Cândido continuasse como campo de experiência para as alunas da escola, mas as dificuldades de transporte e fiscalização eram grandes, sendo também pequeno demais o número de doentes aí recolhidos, para oferecer a variedade necessária ao estudo das doenças infecto-contagiosas.

Em julho do mesmo ano, havendo terminado o contrato da diretora da escola, foi ela substituída por Miss Loraine de Geneviève Dennhardt.

Como o Hospital São Francisco de Assis não possuísse ainda maternidade, foi mister, para o aprendizado da enfermagem dessa especialidade, fazer com a diretoria da Pro-Matre um acordo que facultava à escola tomar conta da sala de partos e enfermarias de puérperas e de gestantes, desse hospital, durante os meses de outubro e novembro de 1925. Embora o estágio fosse curto, houve ocasião para as diplomadas e alunas assistirem a 96 partos normais, sete a forceps e 10 abortos.

Em novembro, foi substituída a primeira enfermeira chefe americana Miss Annita Lander, que exercia as funções de instrutora, por D. Edith Fraenkel, que fora enviada em 1922, pela Comissão Rockefeller, aos Estados Unidos para ali fazer um curso completo de enfermagem.

Continuava a escola a desenvolver-se rapidamente, ganhando prestígio e bom nome. Pelo decreto n. 17.268, de 31 de março de 1926, passou a chamar-se "Anna Nery" e, desejosos de colocá-la em lugar apropriado, o Dr. Carlos Chagas, diretor do Departamento Nacional de Saúde Pública, e o Dr. Affonso Penna Junior, ministro da Justiça, procuravam obter o prédio do ex-hotel Sete de Setembro, pertencente ao Governo, para servir de internato. O local era ótimo, oferecendo às alunas, depois de horas de trabalho árduo e estudo, uma mudança completa de ambiente, repouso de espírito e conforto.

Propôs a Comissão Rockefeller um acordo ao Governo Brasileiro, pelo qual ela se comprometia, caso fosse concedido o prédio, a fazer-lhe as adaptações necessárias, assim como também a mandar edificar um pavilhão para

a escola, com toda as instalações indispensáveis ao ensino prático e teórico da enfermagem.

Cedido o prédio, inaugurava-se a 7 de abril de 1926 a nova residência, com acomodações para 100 alunas, e em 28 de setembro de 1927 era instalado o pavilhão de aulas doado à Escola de Enfermeiras pela Fundação Rockefeller, com duas salas para aulas, sala de demonstrações, laboratórios de física e química e bacteriologia, laboratório de dietética, sala para o ensino da enfermagem de saúde pública, salas de almoço e de repouso, etc. Somente aqueles que lecionaram e estudaram no começo, lutando contra mil dificuldades, compreendem a significação que teve, no desenvolvimento da escola, todo este aparelhamento moderno de ensino.

Conjuntamente foi melhorando também a experiência de trabalho. Com o acréscimo de uma pequena enfermaria de obstetrícia ao Hospital São Francisco de Assis, em 1926, foi prolongado o curso para dois anos e oito meses. A experiência em doenças infecto-contagiosas foi obtida no Hospital São Sebastião em 1917, no pavilhão "Affonso Penna", adaptado para esse fim. Atualmente ela é feita no pavilhão "Miguel Couto", já construído com todos os requisitos modernos dos hospitais mais adiantados do mundo, graças à feliz iniciativa do professor Clementino Fraga, quando à testa do Departamento Nacional de Saúde Pública.

Em agosto de 1928, havendo terminado o contrato da diretora da escola, foi ela substituída por Miss Bertha L. Pullen.

Em março de 1930 foi cedida, para residência das enfermeiras que trabalham no S. Sebastião, uma pequena casa que acabava de ser reconstruída, próxima à Secre-



No Curso de Socorristas — Aula prática ministrada no Internato da Escola



Aula de química no pavilhão da rua Affonso Cavalcanti

taria. Embora ainda inadequada essa residência, pois ficam separadas as alunas das diplomadas por falta de espaço, já a situação é mais satisfatória.

Faltava ainda às alunas da escola experiência em pediatria, a qual lhes foi proporcionada de fins de 1928 a princípios de 1930, em quatro enfermarias e laboratório de dietética do Abrigo Hospital Arthur Bernardes, por interferência do inspetor de Higiene Infantil. Tendo, porem, o Hospital São Francisco de Assis resolvido abrir uma enfermaria de pediatria, para ela foram transferidas as enfermeiras e alunas do Hospital Arthur Bernardes, por oferecer esta última enfermaria maiores vantagens, pois além de receber lactantes, recebe crianças até 12 anos.

Com o acréscimo dos diversos serviços, impossíveis de obter no início da escola, foi o curso aumentando para três anos, oferecendo atualmente, além das aulas teóricas, prática em enfermarias de medicina, cirurgia, sala de operações, obstetrícia e maternidade, pediatria, oftalmologia, otorino-laringologia, dietética e doenças infecto-contagiosas, saúde pública e ambulatorios diversos.

No dia 30 de junho de 1931, deixou a direção da Escola de Enfermeiras a Sra. Bertha L. Pullen, última enfermeira americana que trabalhava na Divisão de Instrução do Serviço de Enfermeiras, sendo substituída por D. Rachel Haddock Lobo, que voltara do curso de aperfeiçoamento nos Estados Unidos, em princípios de 1930".

Entretanto, por espírito de justiça, é justo que relembremos o funcionamento de outras escolas de enfermeiras, algumas delas anteriores à Escola Anna Nery.

No fim desta reportagem se encontra a relação dessas escolas.

A COOPERAÇÃO NORTE-AMERICANA

Quando se escrever um dia a história dos serviços de assistência social e das obras de saneamento no Brasil, ver-se-á como tem sido notável a contribuição dos Estados Unidos.

Só a Missão Rockefeller constituirá belo capítulo na parte referente ao combate à malária e a outras endemias no nosso país. Há a assinalar também o auxílio que essa missão tem prestado à instalação de serviços de alto custo e inestimável valor social.

Com frequência, universidades norte-americanas proporcionam a estudantes e cientistas brasileiros bolsas de estudos, possibilitando-lhes estágios proveitosíssimos nos centros culturais e científicos norte-americanos.

O desenvolvimento do serviço de enfermagem no país deve-se, sem dúvida, aos ensinamentos dessas duas missões que aqui trabalharam, vindas ao Brasil por solicitação do saudoso professor Carlos Chagas, quando diretor da Saúde Pública, como ficou dito anteriormente.

Desejamos, pois, que os leitores da *Revista do Serviço Público* fixem bem os nomes das enfermeiras da Missão

Americana que trabalharam no Serviço de Enfermeiras do D.N.S.P., de 2 de setembro de 1921 a 3 de setembro de 1931, sob a chefia de Mrs. Ethel Parsons, superintendente geral.

NA DIVISÃO DE SAÚDE PÚBLICA

Erna Kuhn, Johanna Julia Schwarte, Agnes Elizabeth Smith, Margueritte Cunningham, Anne Shaw, Alice Herbert Cooper, Winifred Dawson (canadense), Clara Walther Curtis, Freda Johnson, Synneve Yvonne Eikum e Bertie Meekins Rice.

NA DIVISÃO DE INSTRUÇÃO DE ENFERMEIRAS

Clara Louise Kienninger, Loraine Dennhardt, Bertha L. Pullen, Annita Lander, Louise Pitz, Lillian Trotteur (inglesa), Anna Wetterhunhs (norueguesa), Elise Atkinson, Florence Thurber, Patronella Witzenberg, Louise Murray (holandesa), Marie Haney (holandesa), Charlotte Colton (inglesa), Lillian Mackinnon, Evangeline Landes, Ruth Burkett, Mary Carmody, Frances Baird, Josette Ledoux (belga) e Dorothy Morse.

MISS CLARA LOUISE KIENNINGER

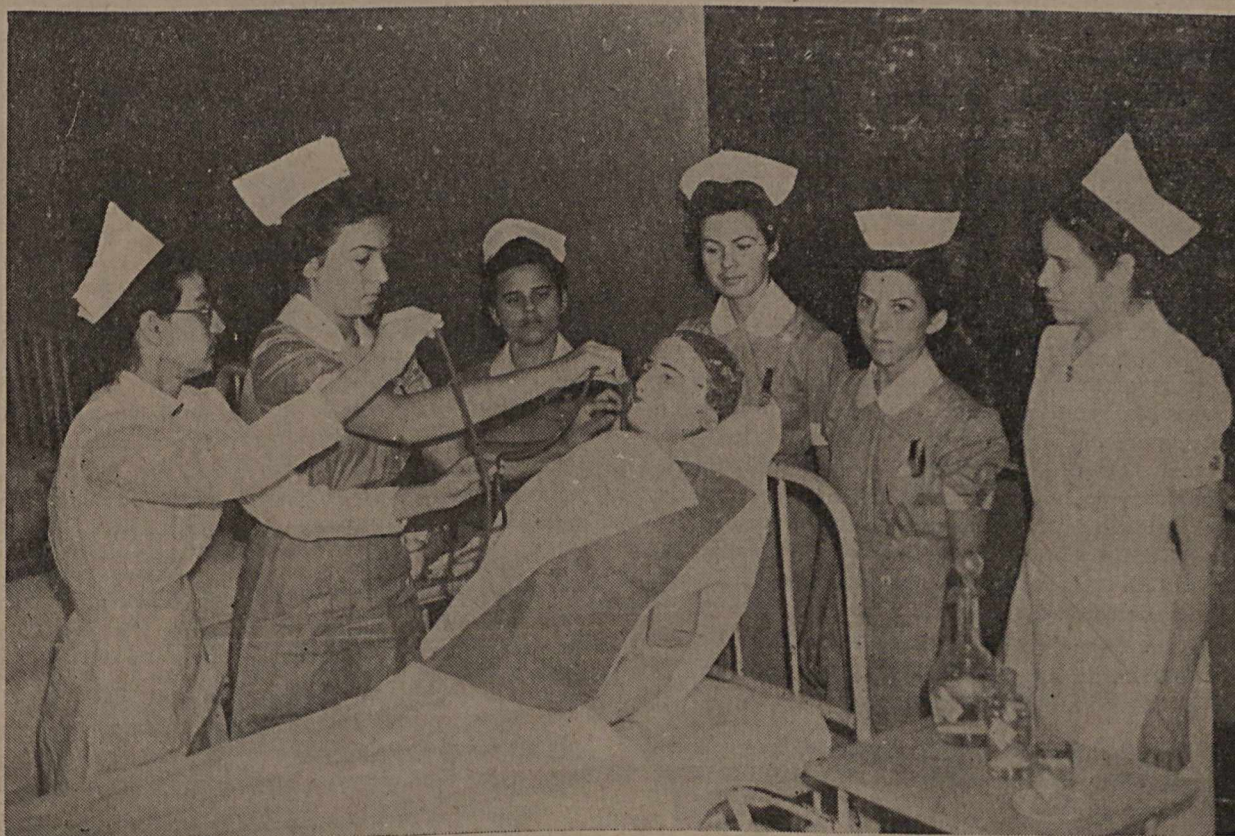
Após desessete anos de ausência, acha-se novamente no Rio de Janeiro a organizadora da Escola Anna Nery, Miss Clara Louise Kienninger.

Várias homenagens lhe têm sido tributadas entre nós, destacando-se a do dia 19 de junho último, por ocasião da

colação de grau da turma de enfermeiras de 1942 e da qual Miss Kienninger foi paraninfa. Nessa ocasião, a escritora Maria Eugenia Celso proferiu uma conferência sobre "A enfermeira e o momento presente", na qual fez referências, de um modo geral, ao papel da enfermeira na sociedade e exaltou, particularmente, a atuação de Miss Kienninger na sua missão ao Brasil. Damos a seguir o trecho final dessa conferência :

"Colaboradora do médico, mobilizada na disciplina dum dever mais alto e mais sagrado — o dever de "servir", a enfermeira forma esta admirável retaguarda de amparo e salvação, doçura única entrevista na dureza implacável da guerra. Anima-a, como deve animar a todos nós, este espírito de altruísmo desinteressado, exaltando até o supremo holocausto da própria vida, se for preciso, a capacidade de dar o máximo de seu esforço pessoal em prol da coletividade sofredora. Espírito de sacrifício, sem o qual nada de proveitoso se pode fazer ; força de ânimo enfrentando serenamente dores, rudes tarefas e privações, neste despojamento voluntário do comodismo egoísta e da tibiez hesitante, o único que desperta o heroísmo e é capaz de levar à vitória. O papel da enfermeira resume-se todo na corajosa aceitação, aplicação inteligente deste espírito de sacrifício. Adquiriu, aliás, nos tempos modernos, capital magnitude, porquanto não é só à cabeceira de doentes e feridos que a sua presença é requerida. Em serviços de assistência, cantinal, evacuação de cidades, alertas de bombardeios, transportes, em tudo e por tudo a cooperação da enfermeira e da assistente é solicitada.

Miss Louise Kienninger, pondo novamente em prática este serviço de boa vizinhança, de que o grande Roosevelt



Curso de Enfermagem — Aula prática. Um boneco servindo de paciente

simboliza no Continente a suprema expressão, vem a nós num sério e delicado momento, e de braços abertos e efusivo coração. As suas lições nos são outra vez necessárias.

O Brasil, dum minuto para outro, pode reclamar o auxílio de suas filhas. Urge prepará-las.

As democracias ameaçadas cerram fileiras em torno dum mesmo ideal de liberdade a defender e a preservar. E' pela enfermagem e pela assistência que a mulher melhor pode pagar à pátria em vigília o tributo dos seus serviços, do seu amor e da sua abnegação. O vulto de Anna Nery, os olhos fitos nesse grande modelo, estarão sempre prontas a cumprir o seu dever. Foi isto que lhes ensinou Miss Louise Kienninger, mestra sempre lembrada e querida desta escola. Elas não o esqueceram e, para acolher-vos nesta noite festiva nesta casa, que é tão vossa, lembram-no ainda como o mais belo elogio que possam fazer aos vossos ensinamentos e à vossa pessoa.

Como há dezessete anos atrás, entre as enfermeiras brasileiras que tanto vos devem, Miss Kienninger, neste Brasil do qual sabemos que sois amiga, mais uma vez, sede bemvinda!"

Longa folha de serviços ao bem público

Longa é a folha de serviços dedicados por Miss Kienninger ao bem público. Constituem, sem dúvida, excelente material para ser trabalhado por um Maurois, numa biografia rica de episódios empolgantes de beleza e sedução.

Miss Kienninger, participando da Força Expedicionária Britânica e da Força Americana, serviu durante 26 meses na Grande Guerra de 1914-1918, tendo sido citada pelo Governo inglês pelos serviços então prestados aos aliados. E ocorre-nos citar o aproveitamento de sua grande experiência profissional nos trabalhos de guerra. Foi supervisora da Divisão Médica do Hospital Base n. 12 e anestesista na Estação 47, ambas da B.E.F. na França; enfermeira chefe, no Treinamento Hospitalar n. 49, também na França, e do navio-hospital-transporte "Rijaldam", entre a França e os Estados Unidos.

Teve Miss Kienninger numerosas bolsas de estudos e organizou cursos de observação e de enfermagem em Toronto, no Canadá, em Massachusetts, em Cleveland, em Topeka, no Brasil, na organização de enfermagem moderna por intermédio da Fundação Rockefeller, em 1922, e como assistente na organização do Serviço de Saúde Pública, junto ao Governo brasileiro. Foi diretora da Escola de Enfermeiras Anna Nery de 1922 a 1925; da Escola de Enfermagem, na Universidade de Colorado, durante quinze anos, e diretora do Hospital Psicopático de Colorado, em Denver. Tomou parte em inúmeras organizações estaduais nos Estados Unidos e desempenhou outras tantas comissões nesse país.

A COMISSÃO DE ORÇAMENTO E A ESCOLA ANNA NERY

O orçamento geral da União é elaborado por uma comissão presidida pelo presidente do D.A.S.P., Sr. Luiz Simões Lopes.

A Comissão de Orçamento, como é chamada, foi instalada em 1939.

Estabeleceu ela como norma, logo de início, ouvir pessoalmente os diretores de repartições ou serviços federais antes de ultimar a elaboração dos orçamentos.

O resultado dessa medida tem sido bem apreciável.

Aliás, já o sentimos quando de visita a repartições e serviços do Estado, dos quais nos ocupamos depois em reportagens publicadas na *Revista do Serviço Público*. E ainda não houve uma exceção: em toda parte ouvimos referências muito lisonjeiras ao D.A.S.P. e à Comissão do Orçamento, cujos trabalhos se processam na sede desse departamento.

Assim foi quando tratamos dos Institutos Oswaldo Cruz, Benjamin Constant, I.N.E.P. (Estudos Pedagógicos).



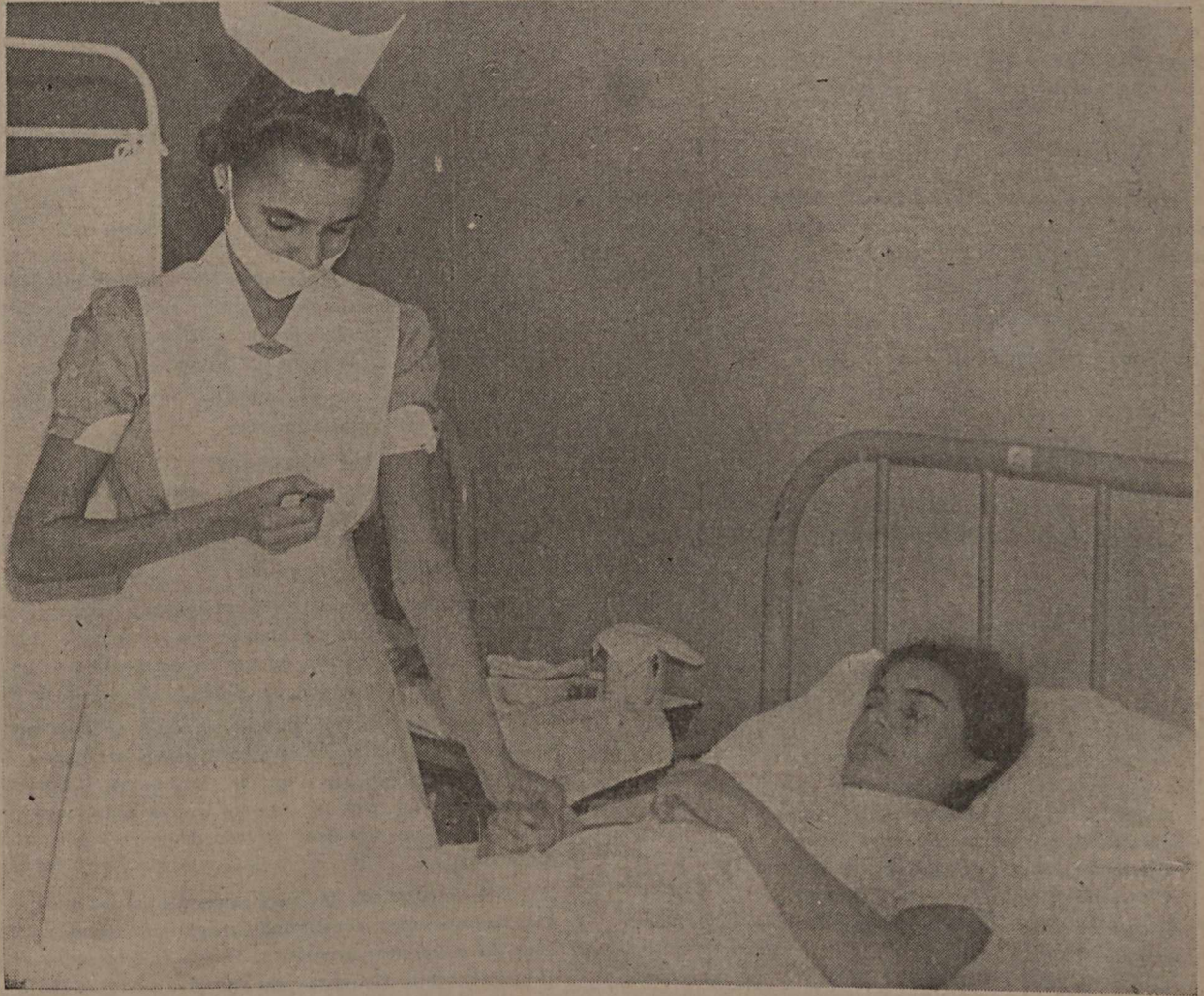
No Hospital Arthur Bernardes — Enfermaria do Serviço de Pediatria, do Departamento Nacional da Criança — Uma aluna da Escola Anna Nery dando vitamina a uma criança doente

cos), de Surdos Mudos e, mais recentemente, do novo Departamento Nacional de Estradas de Ferro.

Notamos a satisfação dos diretores desses institutos ao se referirem à maneira simples, prática e inteligente de procurar a Comissão de Orçamento saber se tais ou quais verbas são realmente suficientes ao custeio dos serviços a que se destinam.

Há um entendimento direto entre o diretor de repartição e a Comissão de Orçamento. Nada de longas exposições por escrito sobre as verbas necessárias. Nada disso.

O interessado senta-se ao lado dos membros da Comissão e conversa calmamente, de forma amistosa e cordial, podendo responder logo às perguntas que lhe fizerem sobre



Na Maternidade do Instituto Nacional de Puericultura — Uma aluna da Escola Anna Nery prestando cuidados a uma puérpera

qualquer verba. Fornece-lhes esclarecimentos que, se fossem por escrito, demandariam sem dúvida perda de precioso tempo para ambas as partes.

Como se vê, é uma bela e útil demonstração de cordialidade!

E muitas vezes os próprios membros da Comissão visitam as repartições, afim de colher impressões mais objetivas de seus serviços, o que importa dizer, vão observar de perto suas necessidades, afim de provê-los suficientemente de recursos orçamentários.

Já temos visto a Sra. Laís Netto dos Reis comparecer perante a Comissão de Orçamento e conversar com aquele seu geitinho tão cativante e bondoso. E hoje a Escola Anna Nery vai sendo bem atendida quanto a verbas para seus serviços. E' possível que, com o tempo, desapareçam, se houver, pequenas falhas ou deficiências no orçamento dessa nobre instituição. Assim, pois, estamos caminhando de um modo geral para a elaboração de orçamentos *reais*, equilibrados e seguros, coisa que, noutros tempos, no tumultuar do "apagar das luzes" do Congresso, constituia verdadeiro pandemônio...

Verbas concedidas à Escola Anna Nery

	Pessoal extra-numerário	Material	Auxílio para alunas	Total
1938....		236:694\$0		236:694\$0
1939....		256:800\$0		256:800\$0
1940....	72:000\$0	288:000\$0	120:000\$0	480:000\$0
1941....	100:600\$0	472:500\$0	120:000\$0	693:100\$0
1942....	288:800\$0	492:200\$0	240:000\$0	1.021:000\$0

NOTA : No ano de 1941 houve uma dotação suplementar de 28:800\$0 que, somada a 693:100\$0, perfaz o total de 721:900\$0.

Observa-se, pelas dotações orçamentárias acima discriminadas, que a Comissão de Orçamento tem procurado atender ao desenvolvimento da Escola Anna Nery, fornecendo-lhe os meios necessários com a majoração das verbas anuais para os seus serviços.

DIRETORAS QUE TEM TIDO A ESCOLA ANNA NERY

- 1.^a — Clara Louise Kienninger
- 2.^a — Loraine G. Dannhardt
- 3.^a — Bertha Lucile Pullen

- 4.^a — Rachel Haddock Lobo (1.^a brasileira e já falecida)
 5.^a — Bertha Lucile Pullen
 6.^a — Laís Moura Netto dos Reis, que assumiu o cargo em novembro de 1938 e está em exercício.

MOVIMENTO DA ESCOLA ANNA NERY

Até novembro de 1942 já tinham sido matriculadas na escola 963 alunas, das quais completaram os respectivos cursos 394.

ALUNAS ATUALMENTE MATRICULADAS

Trabalhando nos hospitais	101 (internas)
No curso de guerra	75 (externas)
No curso de assistência social.....	8 (externas)
Em estágio preliminar	28 (internas)

ENFERMEIRAS DIPLOMADAS NA ESCOLA ANNA NERY QUE FIZERAM VIAGEM DE ESTUDO AO ESTRANGEIRO

Nos Estados Unidos :

Classe de 1925 : Laís Netto dos Reis, Luiza B. Thenn, Maria do Carmo Pamphiro, Maria do Carmo Prado, Olga Salinas Lacorte e Zulema Amado.

Classe de 1926 : Sylvia Arcoverde de Albuquerque Maranhão e Zaira Cintra Vidal.

Classe de 1927 : Alayde Lott, Aurora G.A. Costa, Celia P. Alves e Iracema Guarany Melo.

Classe de 1928 : Maria Regis do Amaral.

Classe de 1935 : Haydée G. Dourado.

Classe de 1936 : Alayde Borges Carneiro e Delizeth O. Cabral.

Classe de 1937 : Hilda A. Krisch e Yolanda Lindenberg Lima.

Na Argentina :

As Enfermeiras Firmina Sant'Anna e Lieselotte Hoeschl, também da Classe 1937, estão terminando em Buenos Aires um estágio de três anos no Instituto de Nutrição do eminente professor Escudero, que lhes ofereceu uma bolsa de estudos.

O INTERNATO DA ESCOLA ANNA NERY

O Internato da Escola Anna Nery acha-se instalado no corpo principal do edifício do antigo Hotel Sete de Setembro, à avenida Ruy Barbosa n. 762, na enseada de Botafogo e no contorno do morro da Viuva.

Damos nestas páginas, entre as fotografias publicadas, a da fachada do estabelecimento.

Por uma entrada lateral, fomos ter à portaria do Internato. Um balcão fechando um ângulo da sala, no interior mesa telefonica e, à parede, grande quadro a que são afixados papeluchos com ordens de serviço, convites, avisos, escala de trabalho das alunas etc.

Enquanto a telefonista completava algumas ligações, impossibilitada assim de atender-nos, ficamos a assuntar preguiçosamente. Aquele quadro talvez contivesse alguma coisa que nos pudesse distrair. Fomos observá-lo de perto.

Vimos uma carta à direção da casa, enviada por um doente de hospital a que servem as moças da Escola Anna Nery, como enfermeiras e alunas. Expressiva. O pobre homem pedia que não lhe dessem outras enfermeiras, pois ouvira dizer que iria ficar privado daquelas que o estavam tratando.

Na simplicidade das suas expressões e nos erros honestos, honestíssimos, constituindo magníficas topadas na pretensiosa e irritante gramática, aquele doente soube revelar de forma muito eloquente seu apreço e sua gratidão às serventúrias da Escola Anna Nery.



Alunas preliminares a caminho do Internato



No Hospital Miguel Couto — Serviço de enfermagem da Escola Anna Nery. Aplicação de uma tenda de oxigênio

Um convite rezava assim :

“A Comissão de Cultura do Conselho de Alunas tem o prazer de convidar as chefes, diplomadas, alunas e preliminares para assistirem a uma conferência que será feita pelo Dr. Messias do Carmo, no salão nobre da escola, quinta-feira, dia 26, às 20 horas.

O tema da conferência será “Avitaminoses de guerra”. — Pela Comissão, Isabel Cardoso”.

Passamos em seguida para elegante sala de espera. Maples confortáveis, cadeiras amplas de vime, dispondo de assentos alcochoados a convidar a gente a nelas se esparramar deselegantemente, enquanto não vem ninguém...

Num dunquerque o retrato do professor Leitão da Cunha, demonstração do justo apreço em que é tido pela Escola Anna Nery, o reitor da Universidade do Brasil.

Voltamos à portaria. Dissemos o que desejávamos à telefonista.

— D. Laís não está.

Que massada! Pensamos apenas, mas não dissemos. Lembramo-nos da irmã do nosso amigo Dr. Alfredo Nasser e que sabíamos enfermeira diplomada e instrutora de alunas.

— E a senhorita Nasser?

— D. Maria Nasser está. Vou telefonar la p'ra cima.

E a senhorita Nasser veio ao nosso encontro pouco depois.

Há pessoas, há fisionomias que nos dão impressão de que as vimos antes, tal a perfeita compreensão e o recíproco entendimento revelado. Mestre Ribot dá, a essa ilusão do já visto, nome complicado, a tal paramnésia, pretensão e arrevesada na sua alta linhagem de raiz grega... E dona Maria Nasser — nem há dúvida! — estávamos ali

encontrando novamente. O seu sorriso era aquele mesmo. Ora se era!

Supondo que desejávamos notas para uma reportagem apressada, fez-nos ver a joven enfermeira que na Escola Anna Nery havia vários cursos diferentes, assim como se quisesse nos advertir do peso da tarefa que nos propusemos executar.

— Sim, bem sabemos que num só dia é impossível coletar todas as informações necessárias. Também não pretendemos registá-las como se estivéssemos diante de um organograma da escola, em ordem absoluta, levando em conta a importância gradativa das secções. Para nós ou, melhor, para os leitores da *Revista do Serviço Público*, o que importa é a revelação objetiva dos grandes serviços que as senhoras prestam à sociedade.

— Bem, se é assim, podemos começar pelos trabalhos a cargo do Departamento Nacional da Criança, que mantém aqui ao lado várias secções, onde trabalham enfermeiras e alunas da Escola Anna Nery.

E quando falávamos à senhorita Nasser, chegou a senhora Laís Netto dos Reys, a diretora, que se fazia acompanhar de outra senhora, a quem fomos apresentado.

Era Miss Louise Kienninger, organizadora da Escola Anna Nery. Agora regressando novamente ao Brasil, vinha rever a sua escola e observar-lhe o desenvolvimento, demonstração bem eloquente de que os alicerces foram realmente lançados por mãos de mestre...

Aproveitando então a oportunidade, solicitamos à ilustre dama a gentileza de permitir ao nosso fotógrafo bater um seu instantâneo, ao que a fundadora da Escola Anna Nery acedeu, posando em companhia de sua antiga aluna dona

Laís Netto dos Reis. A fotografia foi tirada à entrada do "hall" do grande edifício, onde nos detivemos por algum tempo.

NO "HALL" DO INTERNATO

O "hall" do Internato recebeu decoração sóbria e elegante.

À esquerda da entrada principal, num canto, vê-se uma estátua de mármore. Na base esta inscrição :

FLORENCE NIGHTINGALE

A Dama da Lâmpada lançou as bases da moderna profissão de enfermeira nas barracas do hospital militar da Criméa

Junto a essa estátua, encontra-se à parede uma placa de bronze com esta inscrição :

A MRS. ETHEL PARSON,

a grande organizadora do serviço de enfermagem moderna no Brasil, homenagem da primeira turma de enfermeiras brasileiras
19 - 6 - 1925

À direita também da entrada principal, e na mesma disposição, outra estátua de mármore, do mesmo tamanho da anterior.

Lê-se na base :

D. ANNA NERY,

*Voluntária da Caridade,
Immortalizou na guerra do Paraguay o espírito de dedicação e de patriotismo da mulher brasileira*

Ao lado, na parede, outra placa de bronze e com esta inscrição :

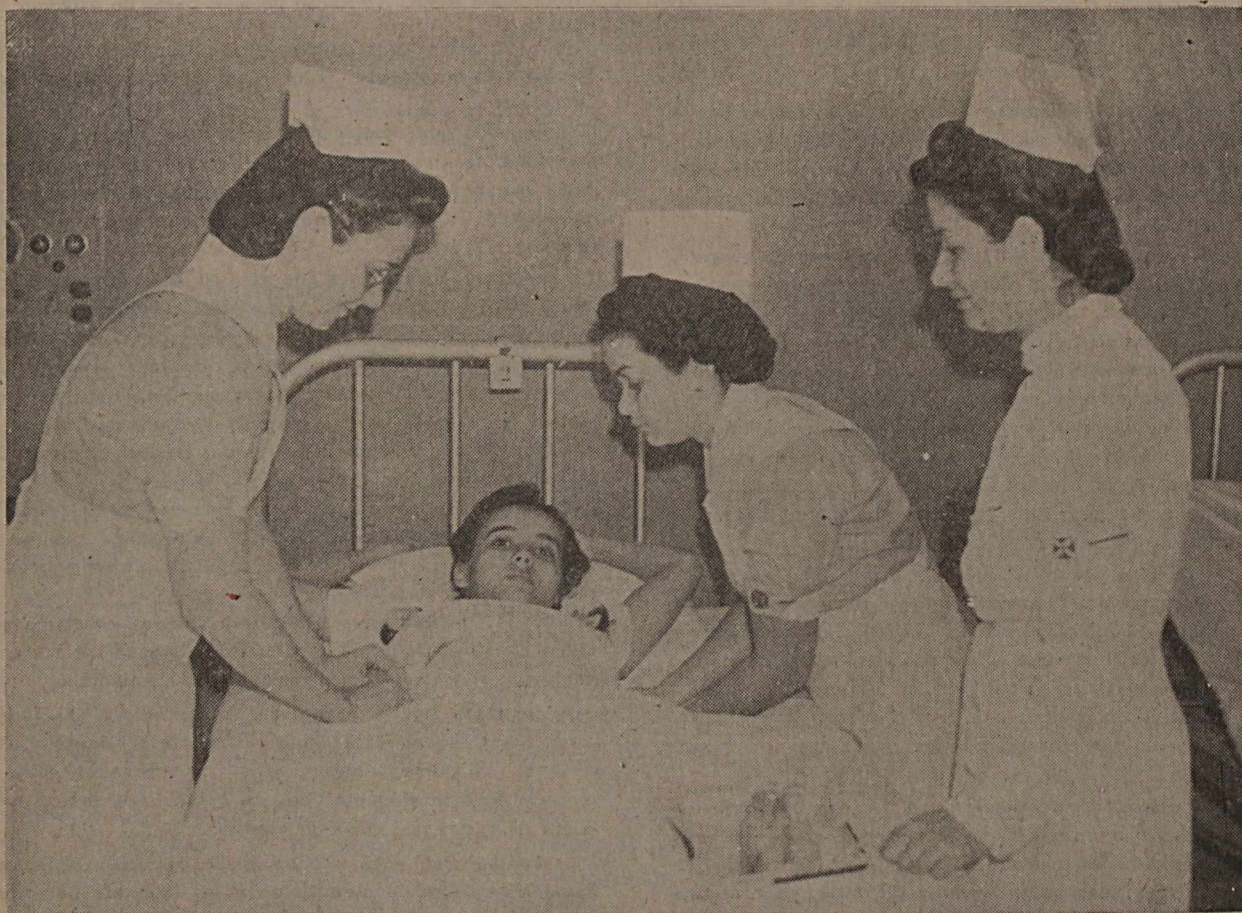
A ESCOLA DE ENFERMEIRAS

D. Anna Nery, sinceramente agradecida, manifesta sua gratidão ao Exmo. Sr. Dr. Affonso Penna Junior, o Ministro da Justiça e Negócios Interiores que tão eficazmente amparou seu desenvolvimento
1926

AS MANHÃS NO INTERNATO

Há atualmente na Escola Anna Nery 128 alunas internas.

Às 5½ da manhã uma grande campainha soa, marcando-lhes o início das atividades, da labuta diária. Tomando o café, começa a dispersão. Cada grupo de alunas para seu lado. A maioria deixa o Internato em demanda dos Hospitais Miguel Couto, na Gávea, São Francisco de Assis, no Mangue, Arthur Bernardes, ali ao lado do Internato, Policlínica Geral e Sexto Distrito Sanitário, próximo da praça da Bandeira.

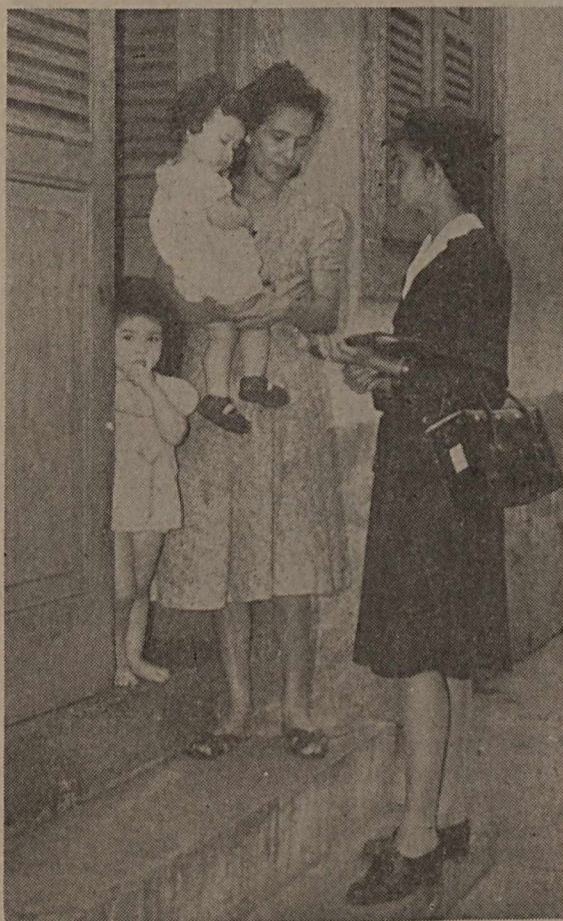


No Hospital Miguel Couto — Alunas fazendo curativo numa enferma

Há dois ônibus para conduzi-las.

A primeira turma segue para o Hospital Miguel Couto, onde deve se apresentar faltando 15 minutos para as 7 horas da manhã. O ônibus apanha ali as alunas que passaram a noite toda trabalhando nas diversas secções desse hospital e as traz para o internato para repousar e dormir.

Um outro ônibus leva as alunas preliminares, que moram também na escola, para o pavilhão da rua Affonso Cavalcanti, onde teem todas as suas aulas. Regressam às 3 horas da tarde, depois de terem almoçado lá mesmo.



Uma visitadora da Escola Anna Nery na sua labuta diária, em zona do Sexto Distrito Sanitário

O ônibus que havia trazido as plantonistas da noite do Hospital Miguel Couto conduz uma outra turma para o 6.º Distrito Sanitário, onde existem um ambulatório e o serviço de visitas domiciliares. Às 11 horas almoçam no pavilhão da rua Affonso Cavalcanti e ali ficam assistindo a aulas até 3 e 4 horas da tarde. Terminadas estas, regressam ao Internato, sendo-lhes servido o jantar às 6 horas da tarde, menos às que estão de serviço entre 15 e 22 horas nos hospitais Arthur Bernardes e Miguel Couto.

Como se vê, é intensa a atividade das alunas da Escola Anna Nery, que já de manhã muito cedo iniciam os estudos e a praticagem em hospitais e ambulatórios, em turmas sucessivas.

Há três horários de trabalho para as alunas que fazem estágio nos hospitais e que assim se distribuem: Das 7 da manhã às 15 horas; das 15 horas às 22 e das 22 às 7 horas da manhã.

AS ATIVIDADES NO INTERNATO

Vários cursos da escola, discriminados minuciosamente no fim desta reportagem, são ministrados na sede do Internato e deles se acha incumbida uma instrutora, a enfermeira diplomada Maria Nasser, com sua auxiliar D. Ena Zofolli. As aulas são ministradas em dois turnos: um das 7 às 10 horas da manhã e outro das 14 às 17 horas.

Ha cerca de 80 alunas matriculadas nesses cursos chamados de extensão.

A ECONOMIA INTERNA

A economia interna do Internato está a cargo da zeladora-ecônoma D. Ignacia Côrtes, que zela também pela disciplina dos empregados no estabelecimento.

UMA ORGANIZAÇÃO "SUI-GENERIS"

A Associação de Alunas tem organização "sui-generis". Não podemos nos furtar ao prazer de dar-lhe as linhas gerais, conforme ouvimos da senhorita Anna Maria Dias.

Tem a associação um diretório composto dos seguintes membros: presidente (no momento a senhorita Anna Maria Dias), uma vice-presidente, uma inspetora, duas secretárias, duas tesoureiras e seis comissões auxiliares. Essas comissões são de cultura, ordem e economia, assistência social, jornal e biblioteca, compostas só de alunas da última turma do curso geral de enfermagem. A essas comissões estão entregues todos os negócios que dizem respeito, em particular, às alunas da escola.

Há até uma caixa que recebe contribuições mensais espontâneas das alunas e no valor de cinco cruzeiros.

A receita obtida é distribuída todos os meses pelas várias comissões, conforme suas necessidades.

O mandato do diretório é sempre renovado de seis em seis meses.

A disciplina na escola está entregue às próprias alunas.

"A LÂMPADA"

As alunas da Escola Anna Nery teem seu jornal: é "A Lâmpada", que veio à luz há muito tempo e se acende todos os meses regularmente.

Tem cinco redatoras, representando cada uma delas uma turma de alunas e uma redatora chefe que, no momento em que fizemos esta reportagem, era a senhorita Sebastiana Neves Ribeiro.

NO HOSPITAL ARTHUR BERNARDES

Como era natural, fomos ver o trabalho das alunas da escola no local mais próximo do Internato e que é o Hospital Arthur Bernardes, onde se acham várias e importantes secções do Instituto Nacional de Puericultura, do Departamento Nacional da Criança.

NA MATERNIDADE E NO BERÇÁRIO

A senhorita Gloria Dias, que chefia a enfermagem da Secção de Puericultura, primeiro nos levou à enfermaria, onde se acham as puérperas ou, melhor, as mães recentes. Tiramos ali uma fotografia, que ilustra esta reportagem. Instalação excelente. Higiene e ordem perfeitas. Passamos em seguida para o Berçário, onde se achavam sete crianças nascidas há dias, prematuramente. São chamados "os prematuros".



No Sexto Distrito Sanitário — Alunas visitadoras antes de iniciar a tarefa diária nas oito zonas do distrito

E D. Gloria Dias nos esclarece :

— Destas sete, três nasceram aqui no Hospital Arthur Bernardes, duas vieram da Policlínica de Botafogo e duas das casas das mães. As mães que vivem fora só podem ver os filhinhos uma vez por semana e, assim mesmo, de longe, porque só é permitido entrar-se neste recinto com máscaras e capote de linho.

No momento estavam duas alunas, as senhoritas Maria de Lourdes Santos e Honorina Santos, e uma diplomada, a senhorita Denise Santos.

— E à noite com quem ficam as criancinhas ?

— Bem, estas enfermeiras só não bastariam... Há três turmas, cada uma com o horário de oito horas de trabalho, assim distribuído : uma, das 7 horas da manhã às 15 ; outra, das 15 às 22 e a terceira das 22 às 7 horas da manhã. Os médicos também fazem esses plantões, conforme lhe poderá informar o Dr. Clovis Correia da Costa, chefe da Maternidade, que deve ter notas muito interessantes sobre os serviços em geral.

— O serviço à noite deve ser muito penoso...

— Sem dúvida. E ninguém pensa sequer em cochilar, pois todos nós temos muito em conta a responsabilidade do encargo.

E vimos naquela chocadeira elétrica — oh, que mas-sada! — naquela incubadeira, um cavalheiro nascido de

sete meses apenas. Firme, de olhos arregalados, quase nos disse adeusinho...

Se fôssemos *uma* reporter diríamos assim :

— Que gracinha !

Os outros recém-nascidos estavam em berços e cada um deles com duas garrafas d'água quente envoltas nas cobertas para o devido aquecimento.

Na incubadeira, esse aquecimento é elétrico e o ar condicionado. Por meio de duas escoteiras ou, melhor, dois buracos, a enfermeira mete os braços e lida com o pequeno e de tal forma que o ar e a temperatura externa não penetram na incubadeira, devido a um dispositivo de borracha de que esta se acha provida.

Santo Deus, quanto trabalho !

E na guerra hedionda e cruel, milhares de vidas são sacrificadas diariamente em holocausto à ambição desmedida e à insânia de alguns degenerados !

Passamos a outra sala contígua à dos prematuros e que é a dos nascidos a termo.

Havia nove pimpolhos. Tem-se melhor impressão destes últimos. Tiramos outra fotografia, que supre com vantagem qualquer descrição.

De três em três horas esses recém-nascidos são levados às mães, na enfermaria ao lado, para serem amamentados. Ao todo, são amamentados 6 vezes por dia e só de três em três horas.

NA SECÇÃO DE PEDIATRIA

Há oito enfermarias no Hospital Arthur Bernardes para crianças doentes até dois anos de idade. A capacidade de cada enfermaria é de 22 crianças. Assim, pois, lá devem estar internadas 176.

A Escola Anna Nery faz o serviço de enfermagem só de uma enfermaria; as outras estão a cargo do pessoal do Instituto Nacional de Puericultura.

Fomos lá com o fotógrafo.

Tudo bem instalado. Ordem perfeita. Ambiente agradável. Crianças louras, morenas e pretinhas e todas risinhas, brincando com a doença. Só uma "abriu o bico" quando viu a máquina fotográfica. Chorou, chorou, mas parou.

D. Francis Sampaio, diplomada pela Escola Anna Nery, é a responsável pelo serviço de enfermagem daquela pequena enfermaria, a que são recolhidas crianças para tratamento de moléstias não contagiosas, prática que também se observa nas sete outras enfermarias restantes.

No Berçário, os recém-nascidos geralmente ficam oito dias, quando as mães os retiram, caso não estejam doentes. Aqui o regime é diferente. Ficam elas até se restabelecerem das doenças que deram causa à internação, disse-nos dona Francis Sampaio, que assim continuou:

— Antes de ser internada, a criança passa por exame rigoroso no ambulatório de Pediatria do Instituto Nacional de Puericultura e são aceitas então as que apresentarem casos clínicos mais interessantes ou que exigirem mais urgência no tratamento.

E D. Francis Sampaio preparou em seguida uma dose de vitamina 4, isto é, uma agradável mistura de limão, laranja, cenoura e tomate, temperada com açúcar e levou a interessante garota de dois anos, Diranir Cabral, que a sorveu sem pestanejar. Por isso é que dissemos que a mistura era agradável...

— Quantas vezes a senhora dá esse refresco à Diranir?

— Duas vezes por dia e 50 gramas de cada vez.

Tiramos uma fotografia de Diranir se deliciando com a vitamina 4.

CONVERSANDO COM O DR. CLOVIS CORREIA DA COSTA

Depois de nossa visita à Maternidade e ao Berçário, sentimos que nos faltavam informações outras, de caráter geral e que só poderiam se achar consignadas em estatísticas de nossos serviços de pediatria.

Falamos então ao Dr. Clovis Correia da Costa, que é o chefe da Maternidade do Instituto Nacional de Puericultura, a qual acabávamos de visitar.

O Dr. Clovis Correia da Costa é a decisão em pessoa. Percebeu rapidamente o que poderia ser útil e oportuno à divulgação.

— Aqui está meu último relatório e vou lhe ditar algumas cifras interessantes.

— Muito obrigado. Gostaríamos que o senhor nos desse antes os nomes de seus assistentes neste magnífico serviço do Departamento Nacional da Criança, pois é necessário que toda gente sinta e compreenda uma obra como esta e lhe conheça e fixe bem os executores.

— Então tome nota de meus assistentes: Dr. João Mario da Silva Pereira, Dr. Ary Novis, Dr. Luiz Alfredo

Correia da Costa e Dr. Guilherme Penteado. Há um rodízio, de maneira que, dia e noite, seja nos dias úteis, seja nos domingos e feriados, há sempre um médico de plantão na Maternidade.

Os trabalhos do Consultório Pre-Natal

E o Dr. Correia da Costa assim prosseguiu:

— Anexo à Maternidade há um consultório pre-natal, que no ano passado foi frequentado por 1.025 gestantes, das quais apenas 78 no primeiro mês de gravidez.

— E por que o doutor acentuou particularmente essas 78?

— Sem dúvida que preciso acentuar. Natural seria que o senhor me perguntasse porque não vieram mais à consulta... As razões são estas: falta de serviço de propaganda e de instrução popular e também de serviço social. O número de matrículas pre-concepcionais foi apenas de 26, o que depõe no mesmo sentido. Vou lhe ditar o que em 1941 fizemos:

Exames obstétricos	2.981
Exames de urina	4.496
Consultas.	3.105
Tomadas de pressão arterial	3.056
Injeções de bismuto	5.063
Injeções de Neo-Salvarsan	1.532

Todas as gestantes matriculadas fizeram exame de bacia e dos aparelhos respiratório e circulatório.

Das gestantes matriculadas, 161 se extraviaram, não voltando mais ao ambulatório. Também se dá a assistência obstétrica em domicílio às mães de famílias numerosas, que encontrariam dificuldade em internar-se por causa dos filhos, impossibilitados de acompanhá-las. Nesse serviço a domicílio foram atendidas 34 parturientes em 1941, não se tendo perdido um só feto, nem se dado nenhuma morte materna.

Escola de mãezinhas

O Dr. Clovis Correia da Costa referiu-se ainda à Escola de Mãezinhas que funciona junto à Maternidade e na qual são ministradas às gestantes noções sobre higiene pre-natal, ensinando-lhes também o modo de se preparar leite, papas, mingaus para os seus filhos, e onde ainda se lhes ensina a maneira de preparar as vestes e de cuidar do recém-nascido.

Mortalidade infantil

Outras informações do chefe da Maternidade:

Em mil partos, $\frac{1}{2}$ % foi a mortalidade materna, cifra essa que se abaixa a 0,47%, levando-se em conta os partos ocorridos após a confecção da estatística.

As mortes foram: duas por eclâmpsia e três por acidentes de anestesia. Em comparação com outras maternidades cariocas, vê-se que estas compreendem dois grupos:

um de mortalidades de 1 a 1 ½ % e outro de 4,8 % a 12 %. Agora, o que se observou fora do Rio de Janeiro:

Porto Alegre	1, 9%
São Paulo	0,64%
Belo Horizonte	3, 3%
Recife	0,78%

No estrangeiro:

Nova York	0,67%
Alemanha	0,51%
Estados Unidos em geral	0,68%

Fetos mortos — O Dr. Clovis Correia nos deu os seguintes informes:

Em 1.000 partos morreram: 22 durante o trabalho de parto, 20 nati-mortos e 22 macerados.

A nati-mortalidade no Rio de Janeiro foi de 8,88 % em 1938 e na Maternidade do Hospital Arthur Bernardes foi de 4,4 %.

Intervenções obstétricas: 7,9 % em mil partos.

Nas outras maternidades cariocas, ela oscilou de 3,8 a 7,8. E em outras maternidades do Rio de Janeiro, o índice de intervenções vai de 15,4 % a 20,8 %. Fora do Rio: em Belo Horizonte, 12 a 14 % e em Recife, 9,3 %.

A observação dos parteiros, através dos tempos e das clínicas, verificou que o índice das intervenções não deve passar de 10 %.

Mortalidade por infecção puerperal: houve 44 casos sobre mil partos dos quais 14 foram tocadas fora da clínica e, por conseguinte, sem responsabilidades da Maternidade do Hospital Arthur Bernardes, que só se responsabilizou por 30 casos, isto é, 3 %.

Nas outras clínicas do Rio de Janeiro a incidência de infecção é de 0,77 a 2,3%.

Nos Estados:

Recife	0,4%
Belo Horizonte	8%
Porto Alegre	1,8%

Estrangeiro:

No Hospital John Hopkins 7,2%; Clínica de Bar, em Paris, 10 %; em Praga, 10,4%. Houve 124 casos de mastite e 46 de pielite.

Mais as negras do que as brancas

Afirmou o Dr. Clovis Correia da Costa:

— Interessante é a verificação de que a intoxicação gravídica incide preferencialmente nos indivíduos de raça negra, poupando de maneira relativa os de raça branca. Assim é que em mil partos o edema alto foi observado em 29 parturientes brancas, enquanto que em gestantes pretas se elevou a 43. A albuminúria atingiu 34 brancas e 59 negras. A hipertensão arterial afetou 36 brancas e 54 pretas. A eclâmpsia, 2 brancas e 8 pretas.

Da mesma maneira, a influência racial — acentuou o Dr. Clovis da Costa — foi verificada em relação à rutura do períneo. Assim é que, levando em conta as primíparas

(as que dão à luz pela primeira vez) e as múltiparas (as que já deram à luz mais de uma vez), os partos espontâneos e os operatórios, de feto prematuro e de feto a termo, verificou-se na mesma Maternidade, do Instituto Nacional da Criança, que a rutura perineal de 1.º grau atingiu a 23 brancas e 38 pretas; de 2.º grau, 35 brancas e 48 pretas e de 3.º grau, 1 branca e 9 pretas.

— Verificaram-se ainda outras particularidades dignas de menção:

Em 758 internadas, 138 apresentaram reação de Wassermann positiva. Destes 138 casos, 41,3% terminaram a gestação prematuramente e 6 ½ % deram fetos mortos. Ao passo que em 620 casos de Wassermann negativo, a prematuridade atingiu a 32 % e a nati-mortalidade foi de 5,1%.

À primeira vista há de parecer que nesta reportagem não deveríamos fixar semelhantes dados estatísticos, no pressuposto de que ficariam melhor em revista científica.

Mas fixamos, sim. Desejamos que este nosso modesto trabalho condense o maior número possível de informações úteis e proveitosas. Ao Dr. Clovis Correia da Costa ficamos, portanto, devendo estas notas que, por outro lado, revelam o valor, a riqueza do campo de experimentação, oferecido às alunas da Escola Anna Nery pelo Instituto Nacional de Puericultura e onde todas elas praticam, servindo-se da magnífica instalação e, mais do isso, sob as vistas de técnicas de valor, que lhes ministram preciosos ensinamentos, utilíssimos mais tarde ao se entregarem ao nobre mistér de enfermeiras, aqui no Rio e por esse Brasil afóra.

Falta de propaganda sanitária

Também devemos insistir neste outro ponto, que julgamos de capital importância; a falta de propaganda sanitária. Haja vista a deserção de gestantes das consultas dos ambulatórios de assistência pre-natal.

É por isso que olhamos com muita simpatia o trabalho das visitadoras domiciliárias da Escola Anna Nery. Bom seria que houvesse centenas, milhares dessas esforçadas servidoras da cidade. Aqueles algarismos referentes aos casos positivos da reação de Wassermann em gestantes e as horribes consequências da sífilis revelam a ignorância das futuras mães quanto à necessidade do tratamento aconselhado.

Quando fizemos nossa reportagem sobre as estradas de ferro, dissemos que costumamos distribuí-las depois em folhetos, endereçados a pessoas às quais possam realmente interessar. Vamos fazer isso ainda mais direitinho ao sair a separata deste trabalho, com o objetivo de difundir, da melhor forma que nos couber, as observações interessantes do Dr. Clovis Correia da Costa. Pena é que essa separata não seja de milhares e milhares de exemplares para que com sua distribuição, nos bairros pobres, sejam divulgados todos esses ensinamentos às futuras mães.

UMA AULA NO CURSO DE ASSISTENTE SOCIAL

Depois da visita à Maternidade, ao Berçário e à Secção de Pediatria, assistimos no dia seguinte a uma aula do Curso de Assistente Social, no andar térreo do Internato.

A professora deu primeiro a definição de "Serviço Social", acentuando que essa designação vem se prestando a interpretações diversas. Acentuou que a obra caritativa é essencialmente pessoal enquanto que o "Serviço Social" é eminentemente preventivo e radical. A assistência caritativa distribue cuidados ao indivíduo isoladamente e, quando muito, chega à sua família. O "Serviço Social" vai bem mais longe, pois procura atingir a origem do mal, prestando, assim, serviço à família, à sociedade, à Pátria. A professora faz sérias restrições às propaladas "obras de caridade", salientando-lhes a precariedade e passa a demonstrar a diferença existente entre obra caritativa e "Serviço Social".

Dá o exemplo de uma jovem mãe na iminência de abandonar o filho, falta de recursos e mostra, nesse caso, o que deve fazer o "Serviço Social". Sua ação, de um modo geral, deve se refletir sobre a sociedade e as instituições para que ofereçam aos indivíduos condições normais de vida, isto é, um mínimo de bem estar para o exercício normal de virtude. Age sobre o indivíduo, cujas condições econômicas, físicas ou morais não lhe permitem bastar-se a si próprio, procurando despertar e aproveitar seus esforços para readaptá-lo às condições normais da vida social.

O "Serviço Social", considerando a família como base da sociedade, dedica-se essencialmente a essa questão. E todos os problemas que atingem, direta ou indiretamente, à família, constituem possibilidades de realizações para um "Serviço Social" — natalidade, mortalidade, preservação dos filhos dos tuberculosos e dos lázaros, trabalho das mães a domicílio, habitação barata, férias anuais, tribunais de menores, fiscalização e proteção do trabalho de mulheres e menores, etc., etc.

Um "Serviço Social", qualquer que seja, para ser útil e realizar o fim que se propõe, deve ser maleável, flexível, isto é, deve fugir à rotina, à burocratização. Visando diretamente a família e o indivíduo, o "Serviço Social" deve possuir bastante elasticidade para se adaptar a cada situação, respeitando as condições do tempo, lugar, oportunidade e sobretudo a *personalidade* do assistido. O "Serviço Social" não pode, portanto, prender-se a normas anteriormente estabelecidas, mas tão pouco, se improvisa na ocasião. Tem que ser o resultado de experiência adquirida, de psicologia e de capacidade de apreensão e adaptação ao problema apresentado.

Continuamos a ouvir com muito prazer a jovem professora, que depois passou a fazer a história do "Serviço Social", remontando aos tempos primitivos. Referiu-se às ordens religiosas de S. Francisco de Sales e de S. Vicente de Paula, mostrando a semelhança entre a irmã desta última ordem e a assistente social que hoje exerce a missão.

O Serviço Social e a luta contra a tuberculose

A moderna instituição do "Serviço Social" visava, no início, apenas a luta contra a tuberculose. Nesse intuito, o Dr. Calmette procurou iniciar essa atividade em sua clínica, em Lille. A idéia não vingou em terra européia. Passou, porém, à América onde obteve um desenvolvimento extraordinário nos Estados Unidos. Graças ao espírito de adaptação, ordem e estandardização do americano, sintetizado na personalidade do Dr. Richard Cabot, obteve-

se, em pouco tempo, o que não fora obtido na Europa (1.905).

Por ocasião da Grande Guerra, a Cruz Vermelha Americana apresentou, modernizada e grandemente ampliada, a idéia do Dr. Calmette. Uma quantidade enorme de atividades sociais surgiram aplicadas a numerosos serviços de campanha.

Uma primeira tentativa feita em 1.913 no Hospital de Crianças, em Paris, após uma série de conferências em que a Dra. Nageotte-Wilbouchevith expôs os métodos americanos do Dr. Cabot, teve vida efêmera. Só mesmo, depois de terminada a guerra, foi o "Serviço Social" ganhando adeptos na Europa. Pouco a pouco, os hospitais e clínicas, as grandes empresas e estabelecimentos oficiais, vendo os resultados benéficos que tal iniciativa apresentava, a introduziram em sua organização.

O início do Serviço Social na América do Sul

Na América do Sul, a idéia de "Serviço Social" chegou primeiramente ao Chile, levada pelo Dr. René Sand, quando de uma série de conferências realizadas em 1942 na Universidade, sobre Medicina Social. Interessando-se os altos dirigentes chilenos pelos métodos modernos introduzidos pelo "Serviço Social", contrataram, em 1934, uma assistente social belga para fundar e dirigir, em Santiago, a primeira Escola de Serviço Social do continente sul americano.

A escola fundada correspondeu plenamente à expectativa, encontrando o "Serviço Social" no Chile excelente acolhimento e bastante compreensão por parte dos chefes das instituições públicas, particulares, médicos e funcionários com os quais a assistente social deve colaborar. Prova disso é que atualmente já 115 assistentes sociais exercem funções nesse país.

O Serviço Social no Brasil

No Brasil a história do "Serviço Social" é curta porque muito nova. As obras assistenciais, caritativas e filantrópicas há muito vicejam em nossa terra porque o espírito de solidariedade humana sempre dominou o coração dos brasileiros. Entretanto, o serviço de assistência bem orientado só há pouco tempo é que vem sendo realizado entre nós. Foi sonhado por Estela de Faro que, na impossibilidade de terminar sua especialização na Europa, convidou pessoas competentes e dedicadas a virem fundar no Rio de Janeiro uma Escola Social.

Mais ou menos na mesma época, duas jovens paulistas, Maria Kiehl e Albertina Ramos, partiram para Bruxelas afim de se especializarem. De volta ao Brasil, fundaram em S. Paulo, em 1936, a primeira Escola de Serviço Social no Brasil. Logo em seguida, foi fundado, a 1 de julho de 1937, no Rio, o Instituto de Educação Familiar e Social, hoje Instituto Social. Atualmente, o serviço social começa a interessar outros Estados do Brasil.

Outras notas sobre o Serviço Social

A senhorita Maria de Mesquita Sampaio, assistente social formada pela Escola do Serviço Social de S. Paulo, teve a gentileza de nos fornecer estes apontamentos:

As profissões em geral, quando surgem como objeto da aplicação da atividade humana, apresentam-se mal definidas e pouco diferenciadas, do ponto de vista do trabalho, e só depois do correr do tempo essencial à sua evolução assumem o característico de uma aplicação especial e particularizada, o que vale dizer, de uma verdadeira profissão.

Assim, as mais comuns, como a medicina, a advocacia, a engenharia, a agronomia, a educação, a enfermagem e outras, em seu desenvolvimento passaram de ocupações homogêneas indefinidas, para uma atividade perfeitamente especificada. O mesmo ocorreu com o Serviço Social, que constitui uma das mais antigas atividades humanas, conquanto até época recente se apresentasse sob forma de caridade-beneficente, filantropia, auxílios a necessitados, etc.

Como observa Arlien Johnson em artigo publicado no "Social Year Book" de 1941, uma das mais completas e importantes publicações informativas sobre Serviço Social dos EE. UU., a prática precede a teoria em todas as profissões e os problemas da pobreza, delinquência e desorganização social, atraíram a atenção, desde muito cedo, da Igreja, do Estado e dos filantropos eventuais, cuja ação, inspirada em intuítos puramente altruístas, se desenvolvia de modo empírico, sem objetivar fins determinados de organização social.

Com o progresso das ciências, especialmente das ciências biológicas e sociais, essas atividades tomaram nova orientação, começando-se a investigar as causas dos problemas e a tomar medidas não só paliativas, mas ainda curativas e preventivas, em relação às deficiências familiares, ao abandono da infância, à delinquência, às moléstias físicas e mentais e aos acidentes do trabalho.

Esse o caráter científico e preventivo que define, principalmente, o moderno Serviço Social, cujos métodos tendem a se tornar universais e cujo campo de atividade, dia a dia, vai se delineando mais firmemente.

A vastidão do campo de trabalho e a complexidade dos problemas sociais, bem como a aplicação dos novos métodos a que nos referimos, tornaram indispensável o preparo especializado das pessoas que se dedicam ao Serviço Social determinando, assim, o aparecimento do Assistente Social. Compreende-se, portanto, porque é tão nova a profissão do Assistente Social, apesar de tão antigos serem os problemas sociais e as necessidades individuais que constituem o objeto de suas atividades.

A medida que o Serviço Social foi tomando corpo como carreira definida, mediante um desenvolvimento linear e progressivo, sob o ponto de vista da ciência e da técnica, as escolas de Serviço Social foram naturalmente se multiplicando.

As bases do preparo para o Serviço Social foram aos poucos se uniformizando e se universalizando e a aceitação generalizada de um programa básico para as Escolas concorreu em grande parte para fixar melhor os característicos da profissão do Assistente Social.

VISITA AO HOSPITAL MIGUEL COUTO

Não conhecíamos o Hospital Miguel Couto. Como dissemos, nele trabalham também alunas e enfermeiras da Escola Anna Nery.

Ao lado do prado do Jokey Club, à rua Mario Ribeiro, na Gávea, se acha instalado o hospital em edifício de um só pavimento superior e que, à primeira vista, não dá impressão de ser grande.

Entretanto, é bem mais amplo do que se pensa, quando visto da rua.

Muito trabalho em todas as suas dependências.

O diretor, Dr. Durval Vianna, a quem fomos apresentado pela enfermeira Emilia Cré, teve referências lisonjeiras ao serviço das alunas e diplomadas da Escola Anna Nery. Afirmou mesmo que a enfermagem do Hospital que dirige melhorou 100 % depois que começaram a trabalhar na casa. E acentuou:

— Sempre notei de parte das enfermeiras da Escola Anna Nery perfeita compreensão da tarefa que lhes cabe, exata consciência profissional e essa mística, que não se improvisa e que só se adquire na prática de ensinamentos capazes de despertá-la e mantê-la de verdade e para sempre. E essa guerra que aí está veio despertar interesse de outras patricias nossas por uma profissão que antes não as atraía.

Assim, pois a enfermagem não foi ao encontro desses novos elementos; eles é que a procuraram espontaneamente.

O Dr. Durval Vianna pôs de manifesto a necessidade de ter a Escola Anna Nery hospital próprio, de tornar a proporcionar a suas alunas ensino ainda mais eficiente que o atual, com um corpo de professores exclusivamente dedicado a esse mistér e com material abundante.

Deixando o gabinete do Dr. Durval Vianna, percorremos algumas seções do Hospital, fazendo-o em companhia do nosso fotógrafo que fixou alguns aspectos do serviço das alunas da Anna Nery, conforme estampamos nesta reportagem.

D. Emilia Cré, que as chefia, reportou-se aos oito anos que passara anteriormente no Pavilhão Miguel Couto, no Hospital S. Sebastião, e também ao estágio que, como aluna ainda, fizera anteriormente no Hospital Paula Candido, com suas enfermarias então cheias de bexiguntos, na sua maioria negros.

— Confesso-lhe que, no primeiro dia, fiquei como que atordoadada, tal a impressão que logo me deixaram aqueles doentes em estado grave. Quando ia tratá-los, proporcionando-lhes a primeira limpeza pela manhã, ou dar-lhes banho, muitos deles soltavam a pele que ficava colada ao lençol!

— Que horror!

— Pois, olha, tenho saudades desse tempo! Foram apenas 22 dias, que correram depressa. Agora no Hospital S. Sebastião permaneci oito anos e não me incomodava se para lá voltasse.

NO SEXTO DISTRITO SANITÁRIO

Há no Distrito Federal 15 Distritos Sanitários, subordinados ao Departamento de Assistência Social da Prefeitura.

No da rua Elpidio da Boamorte, próximo à praça da Bandeira, as alunas do 3.º ano do Curso de Enfermagem da Escola Anna Nery fazem seu último estágio do currículo escolar.

Não nos propomos agora fazer minuciosa descrição desse distrito, que comportaria, sem dúvida, outra reportagem. Nosso objetivo no momento é tratar das atividades das alunas da Escola Anna Nery no serviço externo.

A instalação do 6.º Distrito é boa, agrada mesmo pela disposição dos vários consultórios todos abertos para um pátio pequeno e ajardinado. São elas de: "Higiene da boca", "Serviço de olhos", Serviço de nariz e garganta", "Fisioterapia", "Higiene infantil", "Higiene pre-natal", "Raio X", "Vacinação" e "Carteiras de saúde".

O expediente diário começa às 8 horas da manhã. Fomos logo ao primeiro andar, afim de tomar algumas notas sobre os trabalhos das

VISITADORAS DA ESCOLA ANNA NERY

Tiramos uma fotografia dessas visitadoras na sala em que se reúnem todas as manhãs afim de receber ordens para a tarefa diária na rua.

O ambiente é agradável. Lembra o de uma escola: um quadro negro, um mapa à parede, mostrando as oito zonas do distrito, a mesa, em lugar de destaque, da professora ou, melhor, da assistente, um filtro, um fichário e um armário de guardar papéis.

As alunas de uniforme azul com gola branca são as visitadoras; as de branco e de touquinha, fazem serviço interno, nos consultórios.

A diretora da Divisão de Instrução da Escola Anna Nery, D. Rosaly Taborda, é representada no momento pela enfermeira diplomada D. Anna dos Jaguaribes da Silva Nava, sua assistente.

As visitadoras são oito. Uma para cada zona. O mapa nos mostra as oito zonas, com cores diferentes. Vemos o morro da Mangueira, o do Pendura Saia, etc. Só esse nome "Pendura Saia" basta para recomendá-lo muito bem...

D. Anna Nava está a calhar no seu papel de encarregada das visitadoras. Até aqueles óculos denunciavam-lhe a função diretora. E o modo de falar com a gente? Também. Calmo, sereno e simpático. Dissemos-lhe de nossa atrapalhão em pôr em ordem um mundo de informações já colhidas e que nos envolviam num torvelinho, tal a sua profusão. E ela sorriu com indulgência e quase pena...

Quando supúnhamos que a poderíamos deter por mais tempo, excusou-se delicadamente apresentando-nos à

ALUNA FLORIGNY CASTRO

É ainda uma menina. Está no fim do curso de enfermeira. De vivacidade que encanta, Florigny discorre com segurança sobre a tarefa penosa de entrar de casa em casa, a aconselhar a família de um tuberculoso a defender-se do contágio da moléstia ou a uma outra contra os perigos do tifo ou da escarlatina.

— E não é recebida com indiferentismo ou hostilidade.

— Não. Se na casa há crianças, na segunda visita pode-se facilmente saber da impressão que deixei da primeira.

— Mamãe, *evem* aí a enfermeira vê o papai...

— E a alegria da criança reflete a dos pais, concluiu Florigny.

— E a senhora não tem medo do contágio?

— Absolutamente. Somos instruídas para evitá-lo. Nunca, por exemplo, se deve dar a mão a qualquer pessoa da casa do doente, e há ainda estas outras cautelas: falar à distância; não aceitar nada na casa do doente; proteger o uniforme com o avental que leva na maleta e lavar depois as mãos, servindo-se de sabonete e toalha do seu próprio uso. Enfim, nada, absolutamente nada da casa do doente. Até o material de que se serve, deve ser posto sobre papel de que deve estar sempre munida, afim de evitar o contacto das peças com as coisas da casa visitada. Nos casos de difteria, muito cuidado com os perdigotos do doente.

A MALETA PRECIOSA

Florigny nos mostrou a maleta, igual à de todas as colegas visitadoras. Contem ela: vacinas contra difteria, tifo e varíola e vacina B.C.G.; aparelho de injeções completo, termômetro, material para curativos e de recém-nascido, como gase, iodo, álcool, ataduras, pacote de algodão, pinça, goma arábica para colar rótulos nos vidros de coleta de material, como fezes, urina e escarro, esta feita em pote apropriado. Fósforo, tesoura e injeções de emergência, como óleo canforado, hemetina (para os casos de hemoptises); pena e caneta para vacina anti-variólica.

— E às vezes somos levadas a dar um presente ao tuberculoso pobre que visitamos: uma escarradeira higiênica, de ágata, e um desinfetante para ele pôr no escarro. Geralmente é o lisol.

TUBERCULOSOS VETERANOS

As visitas aos tuberculosos, feitas de 15 em 15 dias ou mensalmente, só são suspensas quando se verifica a cura (nos casos incipientes) com a hospitalização do doente, morte ou mudança para destino ignorado. Quando se sabe o seu novo endereço, transfere-se a ficha que lhe diz respeito para outro distrito sanitário. Há casos de doentes que há 12 anos estão recebendo a visita mensal das visitadoras da Anna Nery.

Há registados atualmente, no 6.º Distrito, 270 tuberculosos externos, que não podem ir ao ambulatório, onde a assistência é dispensada a 70, em média, diariamente.

AUXÍLIO A TUBERCULOSOS POBRES

A Cruzada Nacional contra a Tuberculose, pelo seu ambulatório da rua Paulo de Frontin n. 75, fornece cartões para distribuição de gêneros e roupas aos tuberculosos registados nos 15 distritos sanitários da Prefeitura.

Supúnhamos que a cada distrito cabia a distribuição de uns duzentos cartões.

Puro engano.

Só recebe isto — e não se espante meu caro leitor: 25! Sendo 20 para gêneros e cinco para roupa.

E a quantidade dos gêneros?

— Três quilos por semana. A distribuição é feita às quintas-feiras. Geralmente assim: um quilo de feijão, um de arroz e um de batada ou macarrão. Não se dá café.

Sabemos que a tuberculose está aumentando. O hospital S. Sebastião se acha com todos os seus pavilhões tomados, e os pedidos não cessam, de internação de novos doentes.

Ignoramos o que revelam as estatísticas.

Outra informação: o 6.º Distrito Sanitário recebe para distribuição aos seus tuberculosos 30 litros de leite por dia.

NO HOSPITAL SÃO SEBASTIÃO

Reservamos o Hospital São Sebastião para o fim desta reportagem. Não nos sentíamos com muita disposição de tomar aquele ônibus "Cajú-Retiro" que parte da Praça Tiradentes e que, depois de deixar a avenida do Mangue, envereda por umas ruas horribes até o Campo de São Cristovão. Aí, sim, o ar já é outro e tudo se apresenta atraente e risonho, só porque um belo jardim de vastos gramados se incumbe de nos suavizar por instantes a viagem.

Mas também, atravessado o Campo de São Cristovão, a poeira, o calor e as sacudidas se encarregam de nos repor de novo naquele estado dalma, que não chega a sei, nem ledado, nem cego, nem venturoso...

Nas proximidades da rua General Gurjão, quase perguntamos ao motorista:

— Mas ainda falta muito?

Afinal, logo depois de uma curva, o ônibus entrou na rua Carlos Seidl, onde em seu início se acha instalado, à esquerda, o Hospital São Sebastião.

Saltamos.

Que injustiça estávamos fazendo ao Hospital São Sebastião! Supúnhamos um casarão da fachada sinistra, própria para compor cenários de filmes de morros e ventos uivantes ou coisas assim tétricas, à Poe, de nos confranger o coração.

Nada disso! Parece até a sede de aristocrático clube campestre, onde se reúne gente elegante e feliz.

Parece.

— Onde podemos falar à Sra. Carmen Graça, chefe de enfermeiras da Escola Anna Nery?

— No Pavilhão Miguel Couto, de moléstias contagiosas.

Agora não podemos recuar. E o clube campestre, com seu belo jardim, é apenas uma doce miragem de nossa imaginação. Nariz ao ar, a ver se nos chega algum cheiro desagradável. Nada.

Um automovel da Assistência Municipal desce com vagar pequena rampa.

— Veio trazer algum doente de moléstia braba...

Pensamos. Contraste chocante: maus, horribes pensamentos em lugar tão aprazível!

.....
— D. Carmen Graça está?

— Foi agora almoçar no pavilhão das enfermeiras, lá perto daquelas árvores. Olhe, é o "Pavilhão Souza Aguiar".

— Que bom ela não estar aí! Consideramos e agradecemos a informação como se aquele funcionário nos tivesse feito imenso favor, afastando-nos naturalmente da enfermaria

dos doentes de moléstias infectocontagiosas agudas. Lambada, aliás bem agradável no nosso heroísmo silencioso... mas não muito firme.

— D. Carmen?

— Não, senhor. Mas pode entrar e esperar um pouquinho naquela sala.

Passamos pelo refeitório das enfermeiras.

Mesinhas rendondas, e jovens a tagarelar, de uniforme branco e touquinha.

Somos levados para pequena sala de visitas. Mobiliário simples e um piano vistoso.

— Não é mau. Isso mostra que a administração do hospital trata com consideração e carinho suas enfermeiras. Está certo.

Calorzinho regular. Janelas fechadas. As moças ali no refeitório continuam a conversar.

— Olhe, na rua Machado Coelho há um apartamento bem bonzinho e por trezentos e cinquenta mil réis: uma sala, dois quartos, banheiro e ainda tem uma arezinha lá fora.

Também está certo. Natural. Não há senhora que não goste de falar sobre apartamentos. É a febre.

Afinal, D. Carmen Graça vem ao nosso encontro. Dizemos-lhe o objetivo de nossa visita.

Perfeito acordo: Voltaria pouco depois. Iria almoçar primeiro.

E D. Graça voltou, conversou e disse o que se vai ler em seguida, resumidamente:

Há doze anos trabalha D. Carmen no Pavilhão Miguel Couto, o único no hospital destinado, a moléstias contagiosas agudas. Os demais são reservados aos tuberculosos. Desde abril de 1942 chefia o serviço de enfermagem, no qual trabalham, além de outras, seis enfermeiras diplomadas na Escola Anna Nery e doze alunas. As alunas, que fazem ali um estágio de quatro meses, têm um pavilhão de residência à parte e as diplomadas outro. Apenas o refeitório, instalado neste último, serve a todas elas.

No dia dessa nossa visita, que foi a 9 de dezembro, havia 20 doentes de desinteria, na maior parte procedentes da Penha; 15 de difteria, quase todos crianças pobres; 10 de febre tifoide e 16 de varicela, alastrim e sarampo. Há muito que não se interna aí um bexigoso. Há muito tempo mesmo. E peste, D. Graça nos informou que não viu nesses doze anos em que trabalha no hospital, qualquer caso.

Disse-nos da técnica adotada pelas enfermeiras para evitar o contágio, acrescentando ser dessas doenças a difteria a que se transmite com mais facilidade. Quase sempre pelo perdigoto.

O trabalho das enfermeiras e alunas se divide assim: De 7 da manhã às 14 horas, das 14 às 21 e das 21 às 7 da manhã.

As enfermeiras quase não podem se afastar dos doentes de febre tifoide, meningite e de crupe (das crianças traqueotomizadas). O diretor do Serviço de Moléstias contagiosas é o Dr. Francisco Laport, pediatra, que trata das crianças.

O Dr. Irineu Malagueta trata dos adultos.

Soubemos que há falta de leitos para tuberculosos.

FOI UM CASO ISOLADO E DOLOROSO

Maria da Conceição Lopes, diplomada pela Escola Anna Nery, era enfermeira do Pavilhão Miguel Couto. Todos lhe gabavam a técnica de trabalhar e a dedicação aos doentes.

Um dia foi internado um rapaz atacado de tifo. Isso foi em 1936. Caso sério. Pelo corpo do doente começaram a aparecer umas bolhas, que se não fossem tratadas a tempo se transformariam em chagas.

Conceição não se descuidava. Furava-as com mil cautelas. Secavam umas; surgiam outras. Mas de uma feita, feriu-se no dedo ao terminar o tratamento. Coisa de nada. Picada atôa.

A jovem enfermeira sabia o risco, o perigo a que ficaria exposta com tal ferimento. Os médicos, solícitos, desdobraram-se em esforços para evitar a transmissão da horrível moléstia.

E-D. Carmen Graça assim terminou:

— E Conceição morreu, vitimada também pelo tifo.

Vimos no Pavilhão Miguel Couto uma placa de bronze, homenagem das enfermeiras da Cruz Azul, da Argentina, à memória dessa grande continuadora da obra de Florence Nightingale.

OS TUBERCULOSOS ASSISTEM A CINEMA AO AR LIVRE E OUVEM RÁDIO

Os tuberculosos assistem a cinema ao ar livre e ouvem rádio. Os doentes do Pavilhão Miguel Couto, não. Não podem sair das camas. A gravidade e a natureza das doenças de que são vítimas exigem maior rigor, maiores cautelas. E, depois, o ambiente do pavilhão não é propício a passatempos.

NINGUEM ESQUECE A BONDADE

A história da enfermeira Conceição Lopes ficou.

— Mas já tem havido aqui muitos casos semelhantes ao de Conceição?

Foi um caso isolado nestes doze anos em que trabalho no Hospital S. Sebastião. Nem sei como foi aquilo. Olhe que ela teve todos os cuidados médicos. Nada lhe faltou. Só se o senhor visse como os médicos lutaram para salvá-la!

Como sentimos a angústia torturante de D. Graça em recordar a perda da companheira!

Dir-se-ia que havia sido ontem.

— Eu também tive um amigo que trabalhou durante muitos anos aqui. Morreu no ano passado. Não sei se a senhora o conheceu...

— Quem foi?

— O Dr. Leão de Aquino.

— Ah! O Dr. Leão de Aquino! Ainda hoje parece que ele está aqui ao nosso lado, tão perto o sentimos da gente. Impossível que ele tivesse morrido mesmo. Como ele era alegre e agradável! E que bondade a do Dr. Leão de Aquino! Era o nosso chefe do Serviço de Cirurgia. Sentíamos prazer em servi-lo, em receber as suas ordenes, que eram sempre pedidos.

E assim, com essas referências a esse bom amigo, consideramos naturalmente quanto vale a força, a imensa força espiritual da bondade!

ESTEMDEM-SE A TODO O BRASIL OS ENSINAMENTOS DA ESCOLA ANNA NERY

Não fica adstrita ao Rio de Janeiro a ação benéfica da Escola Anna Nery.

Todos os governos estaduais, ao desejar fundar escolas e enfermeiras, procuram valer-se dos conhecimentos e da prática das diplomadas da Escola Anna Nery.

Damos em seguida os nomes das suas enfermeiras diplomadas que já serviram ou ainda estão servindo na organização e direção de escolas e serviços de enfermagem fora do Rio de Janeiro:

Saphira Gomes Pereira — Pará.

Carmen Gonçalves — Natal.

Maria Lima Torres — Espírito Santo e Maranhão.

Maria Luiza Lima — Sergipe, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, tendo participado da visita do Presidente Vargas ao Amazonas.

Izaura Barbosa Lima — Rio Grande do Sul.

Coralina Mattos — Alagôas.

Haydée Guanaís Dourado — Maranhão e São Paulo. Agora participando do 1.º Congresso de Enfermeiras reunido no Chile, representando o E. de S. Paulo.

Rachel Haddock Lobo — Direção do Serviço de Campanha na revolução paulista de 1932 no setor de Bury.

Nadyr Coutinho — Paraíba.

Laís Netto dos Reis — Escola Carlos Chagas — Minas.

Mintza Zbarski — Paraná.

Estefania Barros — Baía.

Everina Gomes — Serviço de Maternidade e Infância — Baía — São Paulo — D. Federal — Paraná.

Honorata Gardin — Ceará.

Sylvia Maranhão — Comitativa Prestes aos Estados Unidos.

Cecy Clausen Lins — Comitativa de Saneamento do Nordeste.

Iracema Guarany Velho — Nordeste.

Marina Bandeira — Estado do Rio.

Zaira Vidal. — Serviço de Campanha no setor de Pinheiros, em 1932, da revolução paulista.

Nisia Grossmann — Paraná (Faleceu em serviço).

Nair Souza — Nordeste.

Gracinda Motta — Rio Grande do Sul.

Celia P. Alves — Nordeste, hoje na chefia do Serviço de Enfermagem Estadual.

Aurora Costa — Nordeste.

Berila P. Carvalho — Mato Grosso.

Margarida Rosa — Recife.

Deliseth Cabral — Espírito Santo.

Opelina Rollemberg — Sergipe e Alagoas.

Annita Dourado Teixeira — Ceará.

Maria do Carmo Moura Gomes — Ceará.

Rosaly R. Taborda — Recife e Amazonas.

Rosa P. Barbosa — Paraíba.

Hilda Ana Krisch — São Paulo — Escola de Enfermagem.

Zelia C. Carvalho — São Paulo — Escola de Enfermagem.

Iracema Niebler — Instituto de Higiene de São Paulo.

AS ALUNAS PRELIMINARES

Durante seis meses as alunas novatas (preliminares) são submetidas a um curso de experimentação vocacional, em que devem demonstrar sua verdadeira vocação e grau de cultura.

Vão recebendo notas mensais e fazem sabatinas sobre todas as matérias que estudam. Algumas dessas matérias são eliminatórias como: anatomia, técnica de enfermagem, ética, etc.

No exame final o seu esforço é apurado e se houver comprovação de sua capacidade, a preliminar será recompensada pelo recebimento de insígnias e touca.

JURAMENTO DAS PRELIMINARES

Ao receber as insígnias e a touca as alunas preliminares fazem um juramento. A cerimônia é assim: cada preliminar conduz uma vela apagada e caminha ao lado de sua madrinha, que conduz outra acesa. Ao lhe ser posta a touca, insígnia de sua responsabilidade sobre as vidas que lhe são confiadas, a madrinha acende-lhe a vela, o que significa que a chama do ideal de enfermeira, que então começa a realizar-se, deve permanecer sempre brilhante, iluminando com seus clarões as esperanças de cada ser que dela espera alívio para seus sofrimentos.

Agora vamos abrir um parêntese explicativo: Isto que está aí dito nesse parágrafo não é nosso: foi-nos ditado por Florigny Castro, a joven enfermeira que nos encantou pela inteligência e pela bondade. E para que o nosso leitor a identifique melhor, impõe-se outro esclarecimento: Florigny Castro é a visitadora que se vê numa fotografia desta reportagem conversando com uma senhora que traz ao colo um filhinho e tem outro ao lado, à porta da casa.

A LÂMPADA SIMBÓLICA

Vamos dar novamente a palavra a Florigny Castro:

— Ao terminar o curso de enfermeira, a aluna entrega pela primeira vez o seu uniforme branco, símbolo da virgindade de seus sentimentos profissionais. A sua vela é substituída pela lâmpada, de sua patrona Florence Nightingale, que passa a ser a fonte da inspiração para todas as realizações de sua vida profissional. Essa lâmpada, que é de metal, constitui prêmio especial à aluna que mais se distinguir durante o curso e que receberá então a designação de "Dama da Lâmpada".

Essa lâmpada é entregue depois, no ano seguinte, à aluna mais distinta. E, assim, vai passando sucessivamente de turma a turma, na sua forma simbólica altamente expressiva.

JURAMENTO DE FLORENCE NIGHTINGALE

"Solenemente, em presença de Deus e desta assembléia, prometo viver uma vida honesta, praticando com fidelidade minha profissão. Abster-me-ei de tudo quanto

for prejudicial ou impróprio, e não administrarei, nem tomarei por minha iniciativa, medicamentos nocivos.

Procurarei auxiliar os médicos em seus trabalhos, com proficiência e lealdade, dedicando-me ao bem estar de todos os doentes confiados aos meus cuidados.

Farei tudo o que estiver a meu alcance para manter elevados os ideais da minha profissão, guardando fielmente o segredo profissional, durante toda minha vida".

JURAMENTO DA ALUNA

"Em face de Deus e perante esta assembléia, sobre os símbolos sagrados da Fé e da Pátria — ao ingressar no corpo de alunas desta escola, prometo: compreender, respeitar e honrar a bela e grande missão da enfermeira, dedicar-me com todo amor e todo zelo à minha formação profissional, que fará de mim verdadeira enfermeira — servidora da humanidade no serviço de Deus e da extremecida Pátria Brasileira".

JURAMENTO DA VOLUNTÁRIA

"Em face de Deus e perante esta assembléia, sobre os símbolos sagrados da Fé e da Pátria, prometo, como voluntária, servir sempre que for preciso, ou for chamada, na paz ou na guerra, a meu país, o querido Brasil".

ORAÇÃO DA ENFERMEIRA

"Meu Deus, meu Pai e meu Senhor,
Abençoa as novas enfermeiras de hoje,
Dá-lhe da tua luz e da tua força para o conhecimento
e a realização de tua
Vontade Divina no dever sublime de viver para
servir.
Faze de nós apóstolas do bem — servidoras da Pátria.
Não permitas jamais que a chama desse ideal bendito
se extinga em nossas almas.
Faze de nós instrumentos abençoados do Bem, anjos
da bondade.
Que o mal se afaste diante de nosso uniforme, que o
Bem se instale onde ele passe.
Faze da enfermeira a coluna de conforto e de ânimo
dos que precisam.
Que jamais ela desmereça do título que possui.
Faze dela edificante exemplo de quantos queiram
subir.
Abençoa, protege, defende, ilumina e guia, oh! Deus
Senhor Nosso, toda nossa vida de enfermeira.
Que com tua benção, oh! Pai, realizemos a nossa finalidade — Servir para elevar.
Nessa hora ouve nossa prece fervorosa, oh! Senhor,
afasta a guerra de nossa Pátria — dá paz ao mundo.

HINO DA ENFERMEIRA

A enfermeira brasileira tem seu hino, cuja letra foi escrita pela poetisa Maria Eugenia Celso, sendo a música do maestro Eduardo Souto, recentemente falecido.

Servas-irmãs do que padece,
Sem ver a quem, seja o que for,
Basta sofrer que nos merece
Auxílio e amparo o sofredor

Estrilho :

E toda enfermeira
 Nos votos seus
 Será mensageira
 Do amor de Deus!

Pois dispensar guarida,
 Consolação,
 É lema de nossa vida
 E glória de nossa profissão.

Em toda parte, a nosso mando,
 O sofrimento, a morte até,
 A pouco e pouco se abrandando
 Faz um remido de um galé.

Diante da touca da enfermeira,
 Branca de altruísmo e compaixão,
 É que mais sente a verdadeira
 Fraternidade o coração.

De nossas mãos, piedosamente,
 Alívio dar fez-se mister,
 Tornando em nós, a todo doente,
 Um pouco mãe cada mulher.

OUTRAS ESCOLAS DE ENFERMAGEM

Como prometemos no início desta reportagem, damos a seguir outras escolas de enfermagem, funcionando no Rio de Janeiro e no interior. Talvez haja omissões, devidas naturalmente a dificuldades de momento na coleta de informações precisas.

Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto, na Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro. — Foi criada em virtude do decreto n. 791, de 27 de setembro de 1890, com a denominação de Escola Profissional de Enfermeiras. Foi reformada pelo decreto n. 17.805, de 23 de maio de 1939.

Cruz Vermelha Brasileira. — Em 20 de março de 1936 foi criada e inaugurada a Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira, sob a direção técnica do Dr. Getúlio Florentino dos Santos.

O decreto n. 21.141, de 1.º de março de 1932, do Chefe do Governo Provisório da República, aprovou o regulamento para organização do quadro dos enfermeiros do Exército, estabelecendo entre outras disposições a seguinte (Art. 33):

"O diploma dos enfermeiros militares, bem como o das enfermeiras diplomadas pelas escolas de enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira, por sua legislação subordinada ao Ministério da Guerra, serão reconhecidos idôneos em qualquer outro departamento governamental, não ficando as respectivas escolas sujeitas à equiparação e fiscalização previstas no decreto n. 20.109, de 15 de junho de 1931.

§ 2.º: Os diplomas de enfermeiro militar, ou da Cruz Vermelha Brasileira, facultam o exercício da profissão, no meio civil, em qualquer parte do território nacional, uma vez registrados na Diretoria da Saúde da Guerra".

Escola de Enfermagem Carlos Chagas — Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte. — Regulamentada pelo decreto n. 11.384, de 12 de julho de 1934, do interventor federal do Estado de Minas Gerais, Benedito Valladares Ribeiro. Organizada de conformidade com a legislação federal relativa aos cursos de enfermagem, destinada ao ensino técnico profissional da arte de enfermagem, compreendendo todos os cursos necessários à formação de enfermeiras gerais e especializadas, hospitalares e da saúde pública, segundo o padrão oficial estabelecido pelo decreto n. 20.109, de 15 de junho de 1931, do Governo Provisório.

Escola de Enfermagem. — Oficial do Estado de S. Paulo. O decreto estadual n. 2.707, de 8 de novembro de 1939, lavrado pelo interventor Ademar Pereira de Barros, deu nova organização ao Serviço de Enfermagem do Departamento de Saúde do Estado de S. Paulo e estabeleceu no art. 3.º, item b), a organização de uma Escola de Enfermagem. A regulamentação da profissão foi feita pelo decreto estadual n. 10.068 de março de 1939. Essa escola funciona junto à Faculdade de Medicina da Universidade de S. Paulo. Na sua maioria, o seu corpo técnico é constituído de enfermeiras formadas na Escola Anna Nery.

ESCOLAS DE ENFERMAGEM EQUIPARADAS

Escola Luiza de Murillac. — Pelo decreto n. 9.100, de 24-3-42, foi concedida equiparação à Escola de Enfermeiras Luiza de Murillac, com sede nesta Capital, à rua Dr. Sattamini.

Escola Carlos Chagas. — Pelo decreto n. 9.102, de 24-3-42, foi concedida equiparação à Escola de Enfermagem Carlos Chagas com sede em B. Horizonte.

Escola de Enfermeiras de S. Paulo. — Pelo decreto n. 9.101, de 24-3-42, foi concedida equiparação à Escola de Enfermeiras do Hospital S. Paulo, com sede na Capital de E. de S. Paulo.

O TRABALHO DAS ENFERMEIRAS

A fixação dos limites máximos e mínimos dos horários de serviço das enfermeiras ainda não foi feita.

Há enfermeiras nos hospitais civis com excesso de horas de serviço.

Impõe-se também elevar o nível profissional das enfermeiras dos hospitais particulares, de modo a oferecerem aos doentes uma assistência competente, em correspondência com o que eles pagam pela sua permanência nos hospitais e casas de saúde desta Capital e dos Estados.

E' verdade que em junho de 1939 foi elaborado um ante-projeto de regulamentação da enfermagem, mas até hoje não se sabe que fim levou esse trabalho.

CRÍTICA CONSTRUTIVA

Mensalmente é feito um relatório da experiência prática da aluna, no qual são registradas as notas que lhe foram atribuídas em cada enfermagem.

Passadas que sejam as notas e observações feitas para o "relatório permanente", faz-se entrega do relatório

original à própria aluna visada. E, assim, ela pode saber como vai sendo apreciado o seu trabalho de enfermagem. As notas são estas: excelente (6) superior (5) boa (4), regular (3) suficiente (2) e má (1).

Achamos interessante transcrever aqui as condições essenciais de uma boa aluna de enfermagem.

ACEITABILIDADE AO DOENTE :

Os doentes apreciam a sua presença?.....
A voz e modos evidenciam cultura?.....

ADAPTABILIDADE :

Adapta-se: a) ao doente?
b) à rotina?
c) às emergências?

CORTEZIA :

Demonstra cortezia em modos e voz quando fala?....

DIGNIDADE :

E' digna e calma a) com os doentes?
b) com os médicos?
c) com as colegas?

INDÚSTRIA :

Demonstra ser diligente e constante no serviço?.....
Trabalha com rapidez, sem prejuizo da qualidade do trabalho?.....

NITIDEZ :

O uniforme é nítido, completo?

GÊNIO :

E' alegre, agradável?

SIMPATIA :

Demonstra simpatia e bondade para com os doentes e família?

SINCERIDADE :

E' sincera?
Honesta?

DOMÍNIO PRÓPRIO :

Domina-se em qualquer circunstância anormal?
E' calma?
Nervosa?
Impulsiva?
Infantil?

SAUDE :

E' forte e vigorosa, fisicamente?
mentalmente?

DESENVOLVIMENTO :

Tem se desenvolvido em serviço?
Sua: atitude?
trabalho?.....

EXATIDÃO :

Execução da técnica?
Relatórios escritos?

CONCIENCIOSA :

Assume responsabilidade de seus atos?
Assume responsabilidade do trabalho que lhe compete?.....
Atende aos pormenores do seu trabalho?
Procura obedecer às ordens dos Médicos e Chefes?....

REAÇÃO AO CRITICISMO :

Aceita criticismo das Chefes?
Aproveita o criticismo das Chefes?

CAPACIDADE EXECUTIVA :

Organiza e executa seus trabalhos eficientemente?...
E' capaz de dirigir os trabalhos das outras?

ECONOMIA :

Economiza material?.....
tempo?.....
energia?.....

INICIATIVA :

Tem capacidade inventiva em método e material quando há necessidade?

INTERESSE :

Utiliza as oportunidades para aumentar seus conhecimentos?.....
Tem entusiasmo pela enfermagem?

LEALDADE :

E' leal para com a Escola?
para com os doentes?
para com as colegas?

COOPERADORA ?

E' cooperadora?

NITIDEZ :

Seu trabalho é nítido e bem acabado?
Seu trabalho é bem escrito e legível?

MEMÓRIA :

Retem o que aprende?

PODER DE OBSERVAÇÃO :

Nota as ligeiras alterações no estado do doente, salientando-as?.....
Procura trabalho além do seu?

PONTUALIDADE :

E' pontual ao entrar em serviço?
Ao deixar o serviço?

CONFIANÇA :

Merece confiança o seu critério?
Merece confiança o seu trabalho?
Seus relatórios são verídicos?

TATO :

Tem uma apreciação intuitiva das particularidades de cada situação?
 Foram estes assuntos discutidos com a aluna?.....

Há ainda outra fórmula para ser preenchida e que é estritamente confidencial. Deve ser respondida pelo diretor da escola ou pessoa por ele designada.

OS DIVERSOS CURSOS DA ESCOLA ANNA NERY

No desejo de orientar as candidatas à Escola Anna Nery, publicamos em seguida a relação dos diversos cursos ministrados nesse estabelecimento, bem como instruções necessárias ao preenchimento de formalidades burocráticas de inscrição. Visamos, sobretudo, as moças do interior, que não dispõem das mesmas facilidades das do Rio de Janeiro para se informarem suficientemente a respeito.

CURSO PROFISSIONAL**Requisitos para matrícula :**

Diploma ou certificado de conclusão de curso secundário ou ginasial; certidão de registro civil, provando idade entre 18 e 36 anos e cidadania brasileira; atestado de idoneidade ou bons antecedentes; atestado de sanidade física e mental completa; prova de identidade; atestado odontológico; atestado de vacinação anti-variolica; requerimento de matrícula com estampilhas federais; ficha de inscrição devidamente preenchida; quatro fotografias, tipo passaporte, de 3 x 4.

NOTA : Todos os documentos devem ser selados e com firmas reconhecidas.

Inscrição :

As inscrições estão abertas de 1.º de janeiro a 14 de fevereiro e de 1.º de junho a 14 de julho.

A matrícula ficará condicionada ao resultado do exame social e vestibular e da inspeção de saúde, que terão lugar em fevereiro e julho.

Curso :

O curso cobre um período de três anos, incluindo cinco meses de estágio preliminar.

As aulas teóricas para os cursos adiantados são dadas em dias alternados, entre 13 e 17 horas. Os estágios práticos acompanham todas as especialidades médicas em três rodízios durante as 24 horas.

O tempo perdido durante o curso, por qualquer motivo, deverá ser compensado antes de receber o diploma.

Durante o estágio preliminar observa-se se a aluna tem vocação e qualidades peculiares a uma enfermeira. Caso contrário, deverá deixar a escola.

Férias:

As alunas têm 20 dias de férias anuais, folga de um dia todo, de 15 em 15 dias, e de uma tarde por semana.

Enxoval:

Ao se matricular, as alunas devem trazer as seguintes peças: seis lençóis de cretone, de 2 1/2 x 1,60, e

três colchas de fustão, de 1,80 x 1,1/2, três toalhas de banho de felpa, de 80x1,5, seis toalhas de rosto, de 70x50, três fronhas de cretone, de 75x50, abertas atrás, um relógio com quadrante de segundo, uma caneta tinteiro, um termômetro, uma tesoura de ponta redonda, 1 estojo de costura.

Para as despesas de uniforme as alunas farão um depósito de Cr\$ 800,00.

ASSISTENTE SOCIAL

Extensão : 3 anos.

Horários : das 8 às 11 e das 14 às 17 horas.

Taxa de matrícula : Cr\$ 50,00 e mensalidade de Cr\$ 80,000 para o adiantamento.

Exigências : Instrução secundária. Registro civil, idade de 18 a 36 anos. Atestados de vacina, de idoneidade moral e de sanidade, quatro fotografias 3 x 4, tipo passaporte, e exame de admissão.

CURSOS DE EXTENSÃO**CURSO DE VOLUNTÁRIAS**

Duração : oito meses. Exigências : Capacidade intelectual e idoneidade moral.

Idade : Máxima, 45 anos e mínima 16.

Documentos : Registro civil, prova de instrução, quatro fotografias, atestado de vacina, atestado de saúde e atestado de idoneidade.

Método de admissão : Teste de capacidade intelectual.

Épocas de inscrição : fevereiro e julho.

Taxas : Cr\$ 50,00.

Mensalidade : Cr\$ 50,00.

Programa em três séries : oito meses.

Noções de anatomia, fisiologia, microbiologia, higiene individual e higiene social.

Patologia geral, médica, cirúrgica e pequenas pesquisas clínicas.

Ética de enfermagem, profilaxia de doenças infecto-contagiosas, socorros de urgência, puericultura, problemas de maternidade, psicologia aplicada à educação da criança, nutrição e dietética e problemas de alimentação.

Técnica de enfermagem : no lar, no hospital, social e de guerra.

Serviço e ação social, princípios de família, direito, legislação, sociologia e psicologia social.

Facultativos : Religião — Cultura física — Canto coral.

AUXILIAR DE ENFERMEIRA

Extensão — 18 meses.

Horários — das 7 às 10 e das 14 às 17 horas.

Taxas : de matrícula — Cr\$ 25,00 e mensal Cr\$ 10,00, pagos adiantadamente.

Exigências : — Curso primário completo.

Registro civil e idade de 18 a 36 anos. Atestados de vacina, de idoneidade moral, de sanidade e de instrução. Exame de admissão e quatro fotografias 3 x 4, tipo passaporte.

VOLUNTÁRIAS DE ENFERMAGEM E SERVIÇO SOCIAL

Extensão : oito meses.

Horários: das 14 às 18 horas.

Taxas de matrícula : Cr\$ 50,00 e mensal de Cr\$ 50,00.

Exigências : Capacidade intelectual. Atestados de registo civil, de vacina, de idoneidade moral e de sanidade, quatro fotografias de 3 x 4, tipo passaporte, e prova de habilitação.

CURSO INTENSIVO DE SOCORRO DE GUERRA

Extensão — quatro meses.

Exigências — Documentos : Registo civil ou carteira de identidade, atestado de idoneidade, prova de capacidade intelectual, quatro fotografias 3 x 4, tipo passaporte, e

atestados de saúde (recente) e de vacina (recente e da Saúde Pública).

Idade : — Máxima de 45 anos e mínima de 16 anos.

Teste de admissão.

Épocas de inscrição : de 1.º a 25 de fevereiro e de 1.º a 25 de julho.

Taxa única : Cr\$ 50,00.

Programa : Ética e técnica de enfermagem.

Noções de anatomia e fisiologia humanas, microbiologia e pesquisas clínicas mais comuns, higiene e profilaxia das doenças infecto-contagiosas, patologia cirúrgica, cirurgia de guerra e socorro de urgência, patologia médica e primeiro socorro médico.

Serviço sanitário de campanha, de saúde pública e social em tempo de guerra.